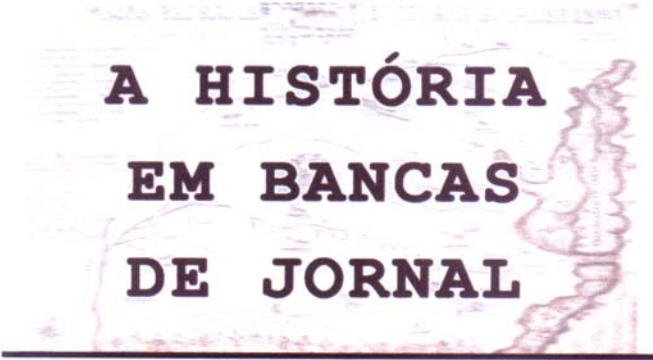




# **ECLÉTICA 2005**

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP



## **A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL**

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer  
Monitora PAE - Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro  
Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I  
0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.

# A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Raquel Glezer<sup>1</sup>

## Introdução

As experiências dos professores das disciplinas teórico-metodológicas em curso de História, bacharelato ou licenciatura, podem ser generalizadas, pois usualmente enfrentam incompreensões por parte do alunado e de colegas. Não importam as denominações: Introdução aos Estudos Históricos ou Metodologia da História; Filosofia da História; Teoria da História; História da Historiografia... Afinal, para que elas servem? O que fazem em um currículo sobrecarregado?

As outras disciplinas obrigatórias de um curso de História possuem conteúdo definido por espaços geográficos (América, Brasil, África, Ásia), ou recorte cronológico (História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea). O recorte cronológico ainda se impõe ao recorte geográfico, apesar dos questionamentos apresentados nos últimos trinta anos, a partir da obra de Chesneaux<sup>2</sup> sobre o uso ideológico da periodização. As disciplinas optativas se organizam por temas, processos explicativos, fontes ou campos historiográficos.

Diversamente, as disciplinas teórico-metodológicas deslocam-se em espaços e tempos variados, pois podem se articular por conceitos, teorias explicativas, formulações teóricas de processos históricos, análises historiográficas de autores, temas relevantes, questões significativas ou momentos marcantes... quase sempre fugindo ao recorte espacial e/ou ao cronológico.

Para os alunos, as disciplinas teórico-metodológicas se apresentam como um conjunto complexo. Têm dificuldade de reconhecer nelas o que conhecem como História, isto é, o campo de conhecimento que aprenderam a reconhecer como tal nos livros didáticos, manuais acadêmicos e livros dos historiadores. As discussões sobre o que são documentos, fatos históricos, fontes, memórias, monumentos, os questionamentos sobre os conceitos nos livros escritos pelos historiadores, ou os debates sobre os usos de cultura material, cultura imaterial, história oral, memória social, micro-história e macro-história, genealogia, memória local se apresentam como complicações do que aparenta ser simples e conhecido.

Qual a finalidade de uma disciplina como Teoria da História no processo de formação de um profissional da história? As reflexões que são propostas aos alunos têm qual finalidade? As respostas podem ser tão múltiplas como o campo: conhecer a História da História; perceber como o campo dos estudos históricos foi formado e quais as transformações que sofreu; aprender a reconhecer os conceitos e as teorias que embasam os trabalhos dos historiadores, identificar os pressupostos da seleção de temas, fatos e dos arranjos dos conteúdos. De forma sintética, reconhecer que o conteúdo da história que encontram nos livros é um produto cultural datado (linguagem, conceitos, preconceitos), da mesma maneira que os textos que produzem em seus trabalhos.

Para nós, professores nestas disciplinas, as questões teóricas devem fundamentar os trabalhos dos historiadores, quer os de pesquisa em campo, não importando o tipo de fonte explorada - arquivística, bibliográfica ou de história oral, quer os de análise historiográfica sobre as obras de historiadores, nas variadas formas que podem assumir.

---

<sup>1</sup> Profa. Titular Teoria da História e Metodologia da História/Departamento de História/FFLCH/USP; e-mail: [raglezer@usp.br](mailto:raglezer@usp.br).

<sup>2</sup> Cf. Jean Chesneaux. *Du passé faisons table rase? : a propos de l'histoire et des historiens*. Paris: F. Maspero, 1976; trad. brasileira *Devemos fazer tabula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

Tais questões estavam em nosso horizonte de preocupação quando propusemos aos alunos matriculados na disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno, no primeiro semestre de 2005, cujo programa havia sido formulado com o objetivo de possibilitar uma visão panorâmica de algumas formas de reflexão sobre a história até o início do século XX, com aulas teóricas e leituras de textos de alguns autores clássicos, algo a mais: um trabalho empírico, levando em consideração as restrições e limitações aos alunos dos cursos noturnos: biblioteca em horário restrito; arquivos, centros de documentação e museus fechados, nos horários que os alunos poderiam dispor para alguma atividade extra classe.

Que material poderia ser utilizado, que estivesse acessível e cujas informações complementares pudessem ser localizadas por quem cumpre oito horas de trabalho diárias em cinco dias por semana? A nossa proposta foi a de explorar um material recente, visível e de fácil aquisição, que existe e se oferece nas bancas de jornal – as revistas de divulgação de história, em suas múltiplas apresentações e em seus variados níveis de formulação.

Temos a certeza que nem todas as publicações existentes foram exploradas, pois tal não era a intenção da proposta, que tinha como objetivo proporcionar aos alunos quase todas as etapas de um projeto de pesquisa, a partir da seleção de fonte e temas de interesse dos autores dos trabalhos, que foi respeitada, quer pela possibilidade de acesso<sup>3</sup>. Apesar da vasta rede de bancas de jornal existentes na área metropolitana, nem todas contém exatamente o mesmo conjunto de publicações, dependendo do local em que estão e da clientela a que atendem.

### **Em complementação**

Depois dos trabalhos de pesquisa e redação realizados e entregues, na fase de preparação e edição digital para inserção no sítio ([www.raquelglezer.pro.br](http://www.raquelglezer.pro.br)), encontramos na rede algumas referências sobre o mesmo assunto, como a indicação do trabalho de Iniciação Científica na Faculdade Cásper Libero de Marcela Rosa Mastrocola, denominado “Aventuras na História: intermediários culturais, mercado editorial e cultura de consumo”<sup>4</sup>, em nota, sem data, acesso ao texto ou resumo. E o texto de Thathiana Murillo, datado de 05.12.2004, com o título de “*Páginas do passado: o boom das revistas de História*”, no qual a autora traça um histórico das revistas de história de divulgação em vários países e o início de tais periódicos do Brasil, a partir de 2003<sup>5</sup>.

Não consideramos a nossa pesquisa exaustiva e é possível que existam outros estudos sobre o mesmo tipo de material.

---

<sup>3</sup> Os trabalhos, de modo previsível, concentraram-se nas revistas com maior facilidade de acesso: *Nossa História*, *História Viva*, *Aventuras da História*. Outras publicações foram também localizadas e selecionadas pelo interesse dos alunos. Ao menos uma publicação não foi explorada - a *Brasilis*, da editora Atlântica, do Rio de Janeiro, coordenada por Luis Felipe Baeta Neves. Ela era inicialmente vendida por assinatura, e só conhecemos os dois números iniciais. O sumário deles pode ser encontrado no sítio: <http://atlanticaeditora.com.br/>.

<sup>4</sup> No sítio [www.facasper.com.br/cip/iniciencia](http://www.facasper.com.br/cip/iniciencia): “tema: Estudo sobre o fenômeno das revistas de história no contexto da hipermodernidade, com base na análise da publicação *Aventuras na História ...*”; e-mail: [marcelamastrocola@gmail.com](mailto:marcelamastrocola@gmail.com).

<sup>5</sup> Thathiana Murillo. *Páginas do Passado: o boom das revistas de História*, datado de 12.05.2004, no sítio O cisco, <http://www.ocisco.net/thati10.htm>; e-mail [thatianamurillo@uol.com.br](mailto:thatianamurillo@uol.com.br).

## 1. Enfrentar os preconceitos

A seleção do material para ser pesquisado decorreu de sua facilidade de acesso, por um lado. Em nossos dias, a história está nas bancas de jornal, em formas variadas. Está nos jornais diários - que são uma das fontes para a história do tempo presente e para a história contemporânea; nas revistas semanais e/ou mensais de viés informativo ou analítico de variadas tendências políticas; nas coleções de obras clássicas para divulgação – como a coleção ‘Os Pensadores’ ou a coleção ‘Pensadores Brasileiros’. Seleccionamos uma materialidade específica - as revistas de temas históricos, voltadas para o público consumidor não-especializado.

A multiplicidade de periódicos e publicações de assuntos variados nas bancas de jornal é indicativo de alguns processos característicos da sociedade contemporânea pós-industrial: a ampliação do público leitor, decorrente dos processos de urbanização e alfabetização; a ampliação do acesso ao conhecimento; o atendimento pelas empresas editoras de todas as áreas de interesse do público leitor, em suas múltiplas identidades sociais<sup>6</sup>. Este foi o outro elemento fundamental para a escolha do objeto – a possibilidade de captar um fenômeno social ‘quente’, em sua concretização, na vivência do processo, que precisa ser analisado e compreendido. Em nossos dias, a diversificação da mídia impressa, em miríades de pequenas empresas gráficas – algumas das quais de vida curta, ao lado dos conglomerados de empresas gráficas e das de mídias, soma-se ao complexo jogo dos cruzamentos de todas as mídias – imprensa, cinema, televisão, eletrônicas, digitais...

Lembremos também que em nossos dias há associações entre empresas, para atingir determinados segmentos do público, com a criação de marcas novas, ocultando a empresa principal e dificultando o acompanhamento das questões mercadológicas.

Alunos de graduação estão acostumados com a leitura de textos selecionados por professores – capítulos de livros e/ou artigos publicados em periódicos acadêmicos, cujos padrões correspondem aos parâmetros da comunidade científica. Não há a preocupação com o perfil da publicação, pois a responsabilidade de seleção é do professor. A valoração realizada é pela especialidade do autor, respeitabilidade da revista, reconhecimento da instituição que a publica - todos elementos de identificação de comunidade científica e de reconhecimento entre pares.

As próprias revistas acadêmicas se transformaram, no decorrer do século XX, de recurso informativo e quase que exclusivamente erudito, em fontes reconhecidas para os trabalhos historiográficos, e hoje são objetos de pesquisa para análises de conteúdo, que variam conforme as orientações dos campos historiográficos.

Por outro lado, raramente o material de vanguarda do conhecimento, o da ‘literatura cinza’<sup>7</sup> é utilizado, mantendo-se como exclusividade do circuito especializado e restrito dos pesquisadores.

No país, há crescente desenvolvimento do campo de pesquisa sobre a história do livro e da leitura<sup>8</sup>. As revistas de literatura, de educação e as semanais gerais têm recebido

---

<sup>6</sup> Sobre as identidades sociais contemporâneas, ver Serge Moscovici. *Representações sociais*. Investigações em psicologia social. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

<sup>7</sup> Literatura não convencional, conhecida por ‘literatura cinza’ (teses, folhetos, anais, proceedings, relatórios de pesquisas, notas técnicas, indicadores de ciência e tecnologia, preprints, publicações seriadas e trabalhos não publicados). Cf. <http://www.ige.unicamp.br/site>.

<sup>8</sup> Ver: a) sitio: [www.livroehistoriaeditorial.pro.br/](http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/), do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, realizado entre 8 e 11 de novembro de 2004, na Casa de Rui Barbosa, na cidade do Rio de

atenção sistemática desde a década de setenta do século XX, vasto material que pode ser encontrado nas bibliotecas. Contudo, são escassos os estudos analíticos sobre as revistas de história no país, com exceção dos estudos sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que utilizam o seu periódico, o mais antigo do país, datado de 1838, mais como fonte sobre a instituição do que como objeto de análise<sup>9</sup>.

A proposta de analisar as publicações encontradas em bancas de jornal foi, por alguns alunos, questionada pelo fato de não ser este um material ‘respeitável’. A desqualificação é devida ao fato de revistas comerciais não terem a mesma estrutura formal dos periódicos acadêmicos, principalmente a revisão por pares. E que os artigos não poderiam ter conteúdo acadêmico e ser resultado de trabalho de pesquisa de historiadores. A maior crítica foi que as revistas comerciais tinham como alvo um público genérico e não-especializado. Afinal, trabalhar com ‘material de divulgação ou vulgarização’ não era um trabalho adequado aos historiadores em formação<sup>10</sup>.

No decorrer da pesquisa, mesmo os alunos mais renitentes acabaram mudando de opinião, pois conseguiram verificar que entre as revistas para o grande público existem níveis diferenciados de informação, apresentação de resultados de pesquisa, debates sobre questões de momento e um trabalho de apresentação ao público de textos escritos por historiadores. O conteúdo apresentado depende do público visado pela revista.

## 2. A popularização da cultura

O fenômeno do público consumidor de produto cultural oferecido em bancas de jornal no Brasil data dos anos sessenta do século XX, quando a Editora Abril<sup>11</sup> lançou edições de obras em fascículos, mas continuou mantendo-se basicamente como uma editora de histórias em quadrinhos infantis e juvenis, e, de publicações românticas destinadas a adolescentes e mulheres jovens, vendidas em bancas. Na área específica da História, a primeira foi a coleção ‘Grandes Personagens da Nossa História’ - biografias de personagens da História do Brasil, em fascículos, com textos escritos por professores de história. E depois, nos anos da ditadura militar, lançou a coleção ‘Os pensadores’-volumes encadernados de obras de autores clássicos da cultura ocidental, que muitas

---

Janeiro; b) sitio da Intercom: [www.intercom.org.br/](http://www.intercom.org.br/), especificamente para os textos resultantes de pesquisa apresentados nos eventos da área: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>.

<sup>9</sup> Ver, entre outros: Isa Adonias. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 150 anos*. Rio de Janeiro: Studío HMF, 1990; Virgílio Correia Filho. Como se fundou o Instituto Histórico. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 255, 1962; Max Fleiüss. *O Instituto Histórico através de sua Revista*. Rio de Janeiro: IHGB, 1938; Lúcia Maria Paschoal Guimarães. "Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial": o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 156, 388, 1995; Manoel Luís Salgado Guimarães. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, no. 1, 1988, pp. 5-27;-----De Paris ao Rio de Janeiro: a institucionalização da escrita da História. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, volume 4, no. 1, 1989, pp. 135-144; Lília Moritz Schwarcz. "Os guardiões da nossa história oficial". Os institutos históricos e geográficos brasileiros. São Paulo: IDESP, 1989; ----- . *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; Arno Wehling. As origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 338, 1983, pp. 7-16;----- .Historicisimo e concepção de História nas origens do IHGB. In: ----- (org.) *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: idéias filosóficas, sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989, pp. 43-58.

<sup>10</sup> Apesar dos questionamentos, uma grande parte dos alunos possuía alguns exemplares das revistas de divulgação nacionais e recorreram ao seu próprio material; outros, de forma surpreendente, possuíam exemplares de revistas editadas em outros países, o que aparece em seus trabalhos.

<sup>11</sup> No sítio da Editora Abril está a história da empresa, ver <http://www.abril.com.br/br/conhecendo/>.

vezes estavam recebendo a primeira edição no país, com tradução por professores especialistas no autor ou no assunto, quebrando o preconceito existente contra a compra de livros em bancas de jornal. A série de sucessos editoriais foi interrompida com uma coleção de história do Brasil, a ‘Saga’, que não foi completada. Embora a Editora Abril se apresente como a pioneira na edição de obras de divulgação para o grande público consumidor, apenas atualizou uma forma de divulgação que já existia, a da edição de obras clássicas ou informativas em tiragens maiores que as usuais. Antes dela, existiram outras iniciativas de divulgação e popularização da cultura no país, que ainda não foram devidamente estudadas.

A coleção ‘Tesouro da Juventude’<sup>12</sup>, marco na vida de milhares de jovens leitores, foi difundida por vendedores em muitas das cidades do país, independente de seu tamanho e da existência de livrarias. O mesmo ocorreu com as coleções de obras de história como Cesare Cantú<sup>13</sup>, H. G. Wells<sup>14</sup> e Will Durant<sup>15</sup>.

A Editora Ediouro<sup>16</sup> tinha e ainda tem forte atuação na área da divulgação de autores clássicos, mas seus livros, em pequeno formato e em papel jornal, só podiam ser encontrados em livrarias. Além das citadas, existiram outras coleções de obras literárias destinadas a um público consumidor maior que o tradicional consumidor em livraria: a coleção ‘capa amarela’ de grande formato da Editora Globo de Porto Alegre – hoje Globo Livros<sup>17</sup>, com traduções de obras clássicas e contemporâneas, por intelectuais de renome, e, a coleção Saraiva, da editora do mesmo nome<sup>18</sup>, com volumes de pequeno formato, em papel jornal, que era vendida porta a porta para as famílias interessadas. A Editora Agir<sup>19</sup> também teve uma coleção de clássicos em pequeno formato e em antologia, ‘Nossos Clássicos’.

A estrutura de venda porta a porta que foi desenvolvida na primeira metade do século XX continua ainda em nossos dias, com enciclopédias escolares e coleções de obras informativas em geral.

---

<sup>12</sup> Esta obra teve diversas edições, pela W. M. Jackson Editores, dos anos vinte até os anos cinquenta.

<sup>13</sup> Cesare Cantú. *História universal*. Obra de tanto sucesso que recebeu várias edições, entre outras: a) Rio de Janeiro: Fluminense, 1883; b) Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1931; c) São Paulo: Américas, 1946. 32 v.; d) São Paulo: Edameris, 1970, ed. resumida.

<sup>14</sup> H. G. Wells. *História universal: da ascensão e queda do império romano até o renascimento da civilização ocidental*. São Paulo: Nacional, 1939. 3 v.

<sup>15</sup> Will Durant. *História da civilização*. São Paulo: Ed. Nacional, 1943. 18 v. A obra teve edições em 1956 e 1967, e em outras editoras. O autor continua sendo editado no país, podendo suas obras ainda serem encontradas em livrarias. Dados sobre sua vasta produção podem ser encontrados no sítio da **Will Durant Foundation**, <http://www.willdurant.com/home.html>

<sup>16</sup> Ver em *Wikipédia, a enciclopédia livre*, sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ediouro>.

<sup>17</sup> Cf. <http://globolivros.globo.com/>; a Rio Gráfica Editora adquiriu em 1986 a Editora Globo. A história sintética da Editora Globo pode ser lida na *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Sítio: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora\\_Globo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_Globo). Sobre a editora há a indicação do livro de Elisabeth Wenhausen Rochadel Torresini, *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, s.d., na Coleção Memória Editorial.

<sup>18</sup> Ver sítio: <http://sf.editorasaraiva.com.br/port/perfil/historico>; cf. dados da empresa, em 1946 foi lançada a Coleção Saraiva, dirigida por Mário da Silva Brito e Cassiano Nunes, que incluía autores nacionais e internacionais como Machado de Assis, José de Alencar, Menotti del Picchia, Orígenes Lessa, Henry James, Edgar Allan Poe, Herman Melville, ilustrada por artistas de renome, como Aldemir Martins, Darcy Penteadado, Nico Rosso, com traduções de Otávio Mendes Cajado, Décio Pignatari, Nair Lacerda e José Geraldo Vieira. A forma de comercialização era por assinatura, feita por vendedores, com entrega do exemplar publicado mensalmente; vendeu milhares de volumes, pois editou 287 títulos, alguns dos quais com tiragem de até 50.000 exemplares.

<sup>19</sup> Ver histórico da empresa no sítio: <http://www.editoraagir.com.br/historico>; cf. dados, foi adquirida pela Ediouro, em 2002.

Da metade para o final do século XX, as bancas de jornal se tornaram o lugar de exposição da mais ampla variedade de publicações, de todos os assuntos possíveis e imagináveis, para todos os tipos de leitores.

### **3. O contexto**

Há uma explicação corrente para o alto preço dos livros editados no Brasil: a falta de público leitor, pois existem poucas livrarias pelo país e, portanto, poucos leitores. Contudo, as vendas de ‘best-sellers’ desmentem tais afirmações: milhares de livros são vendidos em curto espaço de tempo. Se existissem tão poucos leitores no país, como afirmam as editoras de livros para venda em livrarias, as editoras que lançam seus produtos culturais em bancas de jornal não teriam crescido e multiplicado.

O crescimento das editoras especializadas em publicações para bancas de jornal deve ser relacionado com outros dados: aumento da população, predominância da urbanização, crescimento da escolaridade, aumento da renda familiar, capilaridade dos meios de divulgação de massa pelo país e interligação entre as diversas ‘mídias’.

Dos fenômenos citados, o aumento populacional se destaca: em 1950, a população do país era de 51.949.397, e, em 2000, de 169.799.170 de habitantes<sup>20</sup>. No mesmo período, a população urbana passou de crescente a dominante, decorrência de fatos distanciados no tempo, mas que explicam alguns aspectos do fenômeno: em 1938, todas as sedes de município passaram a ter o título de cidade, não importando a população; nos anos cinquenta a industrialização por substituição de importações e de bens de capital deslocou uma grande parcela da população de áreas rurais para algumas áreas urbanas; e, em 1988, a Constituição passou a permitir maior facilidade para a divisão de municípios e ampliou os repasses do governo federal para os entes municipais, o que possibilitou a expansão numérica deles. Em cada município, mesmo que não exista biblioteca pública ou livraria, obrigatoriamente deve existir escola fundamental básica, e, pode existir uma banca de jornal, mesmo que seja a única na estação rodoviária.

O processo de modernização econômica do país a partir de meados do século XX possibilitou a melhoria da infra-estrutura em transportes e comunicação; a ampliação do processo de escolarização com o objetivo da universalização do ensino fundamental e posteriormente do ensino médio; o emprego em setores que previamente não existiam; o crescimento da massa salarial; o crescimento do mercado educacional para atender a demanda de mão-de-obra mais especializada; o desenvolvimento de redes de comunicação via mídia eletrônica pelo país, que criaram um mercado nacional para determinados produtos, inclusive para os da indústria cultural.

A existência de milhares de aparelhos de televisão pelo país substituiu em grande parte a imprensa escrita como fonte de informação, por um lado, e, por outro, criou um outro mercado produtor e consumidor com a possibilidade de inter cruzamento de mídias. Os produtos culturais da televisão promovem a venda de publicações escritas – sobre ela mesma, os programas, os participantes de suas produções (autores, diretores, atores e outros especialistas). Também algumas produções televisivas, como telenovelas e minisséries promovem publicações escritas – os livros originais, as adaptações, e depois os vídeos, os cds e os DVDs. O lançamento de filmes, nacionais ou estrangeiros, com chamadas em televisão, e com eventual apresentação posterior em horários especiais, também alavanca publicações destinadas ao grande público, informando sobre a obra, roteiro, diretor, atores e outros especialistas. Os temas épicos ou históricos, quando explorados pelas mídias cinematográficas e televisivas, envolvem altos custos de

---

<sup>20</sup> Conforme dados do IBGE, no sítio: [www.ibge.gov.br/](http://www.ibge.gov.br/), em Síntese dos censos demográficos.

produção, que são parcialmente recuperados ou ampliados pelos produtos em paralelo: publicações impressas, vídeos, cds e dvds, além de outros produtos destinados ao público infantil e/ou juvenil, da mesma forma que os filmes de entretenimento.

Se há momentos em que a sociedade ocidental parece esquecer da existência da história, apesar de estar imersa nela, em outros há preocupação com ela. Geralmente, em datas comemorativas de fatos históricos relevantes há a ressurgência do interesse pela história, quer como processo, quer como narrativa. Em determinados momentos, a sociedade como um todo se sente atraída por fatos históricos – em livros com temas históricos, biográficos ou pseudo-históricos; em filmes biográficos, épicos, históricos ou míticos; em docu-dramas históricos ou documentários sobre fatos históricos, reconstituídos com material de época. Não é possível identificar claramente se tal interesse é uma válvula de escape – fuga/refúgio para um tempo mítico de paz e segurança, ou, genuíno, para compreender a sociedade e o momento em que vive. Em nossos dias, no início do século XXI, há retomada da curiosidade por fatos históricos, que aparece tanto nas produções impressas, como nas cinematográficas e nas televisivas. Os motivos que provocam tal interesse podem ser variados: insegurança diante das transformações em curso; dificuldades de compreender a fase histórica em que vive; medo diante do desconhecido; necessidade de reafirmar o conhecido diante de outras propostas de organização social e tantas outras questões possíveis de serem arroladas.

Quanto as motivações que levaram ao lançamento das revistas de divulgação de história no país, Thatiana Murillo utiliza a referência das comemorações dos quinhentos anos do descobrimento como o motivo para o lançamento de tais publicações<sup>21</sup>. A nosso ver, tal explicação não se aplica totalmente – teria pleno sentido se estas tivessem começado a ocorrer no mesmo ano ou no seqüente, o que não ocorreu, pois datam de 2003 em diante. As explicações podem ser procuradas tanto no contexto nacional – a consolidação do processo de urbanização, universalização da educação básica e suas conseqüentes transformações, como no maior acesso a informações internacionais, na divulgação em tempo real pela televisão dos fatos de setembro de 2001, na retomada do ciclo de guerras simultâneas, na sensação de ameaça diante do desconhecido que pode estar se aproximando – elementos que podem ter contribuído para que se concretizasse no país algo de novo, as revistas de divulgação de história. Devemos lembrar que tal tipo de publicação existe em outros países há muitos anos, desde o começo do século XX, mantendo continuidade e possibilitando a divulgação do conhecimento historiográfico a um grande número de pessoas, o que pode ter permitido o crescimento do mercado editorial dos livros especializados em história e das grandes coleções do final do século XX<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Ver nota 3.

<sup>22</sup> Além da venda de milhares de exemplares de algumas obras de história como *Le Dimanche de Bouvines: 27 juillet 1214*, de Georges Duby. Paris: Gallimard, 1986, e, *Montaillo, village occitan de 1294 a 1324*, de Emmanuel Le Roy Ladurie. Paris : Gallimard, 1975, pensamos nas coleções como História das Mulheres e História da Vida Privada, que foram sucesso editorial destacado, foram traduzidas no Brasil e inspiraram coleções similares nacionais.



#### 4. Cultura de massa

È muito interessante para o historiador verificar como a conceituação de ‘cultura de massa’ tem sido vista pela sociedade, principalmente em uma proposta como a que fizemos, de explorar uma fonte da cultura de massa impressa, destinada a um público leitor não especializado.

A conceituação da existência de uma ‘cultura de massa’ ou ‘cultura popular’ se opõe a de uma ‘cultura erudita’, mais valorizada porque de ‘melhor qualidade’, mais restrita e limitada aos que a ela têm acesso, por poder aquisitivo e domínio cultural.

A ‘cultura erudita’ é resultante da decantação da produção cultural da sociedade ocidental cristã e é o cânone dos valores culturais - a ‘alta cultura’ é o conhecimento e apreciação dos clássicos na literatura, música, balé, teatro, pintura e escultura, em oposição a uma outra cultura, considerada inferior por não ter o mesmo conteúdo e relevância, produzida e vivenciada no cotidiano pelas pessoas comuns, ‘a cultura popular’, que é muitas vezes confundida com ‘folclore’, em uma concepção conservadora e nacionalista estreita.

Tomada em senso estrito, a concepção canônica de cultura faz com que toda a produção cultural do mundo moderno industrial do século XIX e do pós-industrial do século XX, todos os questionamentos, críticas, leituras e releituras da sociedade contemporânea fiquem fora dos parâmetros estabelecidos.

Mas a produção cultural possui a sua própria dinâmica, riqueza e complexidade, e é indicativa da reflexão e crítica do mundo no qual o indivíduo produtor/consumidor está inserido e vive. Para os artistas contemporâneos, o cânone não é um obstáculo. Na realidade diária da sociedade pós-industrial, todas as artes se libertaram do cânone. A multiplicidade das formas de expressão literária e artística é quase impossível de ser totalmente conhecida em nossos dias. O rádio, o cinema e a televisão se inscreveram no campo da produção e da reprodução cultural, da mesma forma que a imprensa. E o mundo da produção digital está seguindo a mesma trajetória, de modo mais acelerado.

Contudo, a resistência às novas formas de arte e conhecimento ainda é grande. No campo dos estudos humanísticos, o domínio do cânone se manteve por mais tempo. E só no último quartel do século XX ele passou a ser questionado por grupos feministas, étnicos, de culturas minoritárias e pelos pesquisadores pós-modernos, que exigem que a noção de cultura seja mais inclusiva e menos restritiva.

A valorização da oposição entre a ‘cultura erudita’ e a ‘cultura popular’ pode ser entendida como uma atitude socialmente conservadora, a partir da Revolução Francesa, em que o conceito de ‘povo’ para os conservadores e contra-revolucionários era o de uma ‘ameaça’ a seu modo de vida. A preservação dos valores da sociedade estamental encontrou na valorização do cânone apoio e a justificativa de uma concepção de sociedade, a partir de meados do século XIX, quando ‘povo’ e ‘massa’ se tornaram quase que sinônimos de ameaça social.

Nos movimentos revolucionários políticos e sociais dos séculos XIX e XX, uma das propostas mais atraente é a da democratização de acesso de todas as pessoas a todos os bens, políticos e econômicos, a partir da alfabetização universal, e, principalmente aos bens culturais.

A idéia de separação rígida entre a chamada ‘alta cultura’ e a ‘cultura popular’ foi questionada por Bahktin<sup>23</sup> ainda na primeira metade do século XX, e, o tema da circularidade das idéias entre grupos sociais, no final do século XX, encontrou apoio em historiadores da história cultural, como Roger Chartier e C. Guinzburg, entre outros, e, principalmente nos autores pós-modernos.

## Os resultados

Os resultados obtidos foram surpreendentes, para nós e para os alunos. Para nós, pela localização de inúmeras publicações destinadas a suprir a curiosidade do público sobre temas históricos – em níveis de informação diferenciados, desde as mais elementares até as que apresentam resultados de pesquisas acadêmicas, em linguagem acessível ao não-especialista. Nosso ponto de partida para a proposta do trabalho havia sido o conhecimento das revistas *Nossa História* e *História Viva*. Os alunos conheciam algumas outras e localizaram outras tantas, que não eram tão conhecidas, e que aparecem nos textos que seguem. E também pela capacidade demonstrada pelos alunos de pesquisar informações, mesmo as que exigiram contato direto com as editoras e com os editores; analisar conteúdos sob aspectos variados, demonstrando que o processo de formação fragmentada, proposto pelo Departamento de História, apesar da dificuldade de explicitação, está proporcionando ao corpo discente uma formação adequada ao mundo contemporâneo.

Para os alunos, podemos comentar de um lado que com a aprendizagem da prática de pesquisa - seleção de tema, seleção de fontes, coleta de dados, análise de conteúdo, contextualização e redação de um texto sobre a pesquisa e os resultados obtidos, houve a possibilidade de aprender como usar material diferenciado do tradicional (textos de livros e excertos de documentos), experiência que pode ser transmitida a práticas de ensino de história em outros níveis. Por outro lado, esperamos que os mais renitentes tenham aprendido a aceitar a produção cultural da sociedade em que vivem. Consideramos que se há experiência e vivência da postura crítica em relação à formação socioeconômica e cultural em que estão inseridos, a manutenção de preconceitos sobre a ‘cultura de massa’ e a exigência do cânone cultural são elementos contraditórios que precisam ser enfrentados. E o que a nosso ver foi o mais importante: tiveram eles a experiência da apreensão ‘a quente’ de dois conceitos teóricos que marcam a sociedade atual – a da circularidade das idéias na cultura, e, a da fragmentação das identidades sociais. Lembramos ainda que nas análises de conteúdo foram localizadas algumas das teorias de história, que haviam sido apresentadas e discutidas no transcurso das aulas teóricas e das leituras, demonstrando na prática a longa vigência de idéias na cultura e na sociedade.

Os textos que seguem a esta apresentação são todos os trabalhos de curso da disciplina, resultantes das pesquisas e análises dos alunos. Alguns são trabalhos individuais, outros coletivos. Cada um deles representa a trajetória de pesquisa que foi percorrida, os interesses, curiosidades e idiossincrasias dos autores. Não foi realizada a normalização

---

<sup>23</sup> BAHKTIN, M.. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília:UnB, 1987.

dos textos e nem estão apresentados os comentários da avaliação. A finalidade da publicação é reconhecer os esforços empregados na pesquisa, o empenho e interesse demonstrado, além de colaborar com outras pessoas que tenham alguma curiosidade sobre o material de divulgação de história impresso disponível em bancas de jornal.

Agradeço a Silene Ferreira Claro, doutoranda no Programa de História Social/FFLCH/USP, linha de pesquisa História da Cultura, monitora da classe no PAE/FFLCH/USP primeira fase, o apoio, as sugestões e a relação estabelecida com a classe, que muito contribuíram para o bom desenvolvimento do curso e das atividades. E a todos os alunos que cursaram a disciplina e que no decorrer do semestre selecionaram o material com que pretendiam trabalhar, defenderam suas escolhas, descreveram as dificuldades encontradas, apresentaram as soluções e os resultados obtidos. Eles se encontraram com o que os pesquisadores em história costumam enfrentar: problemas de acesso a fontes e as informações, impossibilidade de usar o material inicialmente previsto, desconforto com os resultados obtidos, questões que não puderam ser respondidas, e tudo o mais que acontece depois do trabalho escrito e entregue.

Espero que a experiência tenha sido tão proveitosa para eles como foi para nós e que a noção de que estamos imersos na história – mesmo explorando um tema restrito e aparentemente limitado, tenha se tornado mais clara e compreensível. E que a função da disciplina Teoria da História no processo de formação tenha adquirido sentido.  
São Paulo, segundo semestre de 2005.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP**  
**Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas**

**CURSO DE TEORIA DA HISTÓRIA I**

**“HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS: MATERIAL  
LEIGO OU DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA?”**

<b>Gilson Gomes Araújo</b>	<b>Nº USP: 4931591</b>
<b>Leandro S. Theodor Puskas</b>	<b>Nº USP: 4931490</b>
<b>Leonardo de Sousa Klein</b>	<b>Nº USP: 4956463</b>
<b>Lílian Miranda Bezerra</b>	<b>Nº USP: 4930818</b>
<b>Luciana Santoni</b>	<b>Nº USP: 4930930</b>

**Profª Drª Raquel Glezer**

**São Paulo, junho de 2005.**

# HISTÓRIA viva

[www.historiaviva.com.br](http://www.historiaviva.com.br)

# GRANDES TEMAS <sup>tt</sup> Duetto

EDIÇÃO ESPECIAL TEMÁTICA Nº 1 - BRASIL R\$ 9,90 - PORTUGAL € 4,5

VIDA, MORTE,  
RESSURREIÇÃO:  
A GRANDE  
MISSÃO DO  
CRISTO

O CENÁRIO  
ÉTNICO,  
POLÍTICO E  
RELIGIOSO  
DA ÉPOCA

COMO VIVIAM  
HOMENS  
E MULHERES  
NA PALESTINA

OS PONTOS  
OBSCUROS:  
A FAMÍLIA E A  
ADOLESCÊNCIA

A RESTAURAÇÃO  
DA ORDEM  
NO TEMPLO,  
O JULGAMENTO,  
A SENTENÇA



**JESUS**  
O Homem e Seu Tempo



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
Objetivo/Hipótese Orientadora.....	4
Objeto da Pesquisa/Justificativa .....	4
Metodologia Utilizada.....	6
<b>ANÁLISES.....</b>	<b>7</b>
“Jesus e seu tempo” .....	7
“Verdadeiro ou Falso” .....	8
“As Novas Datas na vida de Jesus” .....	9
“A Ordem na Palestina Romana” .....	10
“Um filho que não tem Espírito de Família” .....	11
“Na Sinagoga, ele se inicia na Arte da Polêmica” .....	15
“Dezoito anos sem deixar vestígios” .....	17
“Nas Províncias do Ocidente” .....	19
“Nas Províncias do Oriente” .....	22
“As correntes do judaísmo” .....	24
“O Templo: uma casa de Tráfico?” .....	27
“As seguidoras do profeta” .....	30
“Jerusalém festeja a Páscoa judaica” .....	31
“Diante de seus juizes, o acusado se cala” .....	33
“As primeiras decorrências de sua morte” .....	35
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>41</b>
Bibliográficas .....	41
Documento eletrônico e Sites consultados .....	41

## INTRODUÇÃO

### **Objetivo/Hipótese Orientadora**

O trabalho tem a finalidade de discutir criticamente a abordagem da revista História Viva – Grandes Temas, no que concerne à figura de Jesus, e sua tentativa de separá-lo de uma visão bíblica e enquadrá-lo numa visão histórica.

O surgimento de diversas revistas com objetivos exploratórios de temas da História nos faz questionar o quão sério e válidos são os trabalhos apresentados ao público brasileiro.

A proposta do grupo, como já dito, é de focalizar o tema de Jesus Cristo como abordado pela revista História Viva - Grandes Temas, e como esta apresenta uma figura tão mítica a um público não só acadêmico, mas também leigo.

A revista se propõe a fazer um trabalho de “*divulgação científica*”<sup>1</sup>; portanto nos dispomos no decorrer da pesquisa a questionar até que ponto vai essa cientificidade, ou seja, se métodos e conceitos históricos são ou não adotados.

### **Objeto da Pesquisa/Justificativa**

A revista em questão (História Viva - Grandes Temas) foi escolhida tanto por enquadrar-se no assunto por nós elencado, quanto por já gozar de certa consideração entre o público leitor brasileiro. Há que se levar também em consideração a importância e tradição da revista similar entre os leitores franceses.

Começamos pelos dados básicos da revista: tal publicação vincula-se a Duetto Editorial que fora fundada no primeiro semestre de 2001, sendo resultado da associação das Editoras Ediouro Publicações e Segmento que visavam “*entrar vigorosamente no mercado de revistas destinadas ao leitor final*”<sup>2</sup>.

Incluem-se neste grupo de revistas além da História Viva e História Viva – Grandes Temas, as seguintes publicações: Scientific American Brasil; Especiais Temáticos de Scientific American; Viver Mente & Cérebro e Viver Mente & Cérebro – Memória da Psicanálise, que fazem parte do “Grupo Conhecimento”, compondo o outro grupo, “Grupo Beleza e Bem-estar”, as revistas: Cabelos & Cia.; Guias de

---

<sup>1</sup> IBAÑEZ, Miriam. *Resposta ao e-mail* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[leandro\\_osp@hotmail.com](mailto:leandro_osp@hotmail.com)> em 12 maio de 2005.

<sup>2</sup> HISTÓRIA VIVA. Disponível em: <<http://www.historiaviva.com.br>>. Acesso em: 25 maio de 2005.

Beleza; Coleção 1000 Cortes & Cia. e Coleção Colors: Louras, Morenas, Ruivas e Negras.

A Duetto conta com a participação de 46 profissionais, dos quais destacaremos, Miriam Ibañez, com quem conversamos via e-mail, e o idealizador da revista trabalhada Alfredo Nastari. Este último resolvera integrar-se em tal nicho de mercado após tomar contato com a publicação francesa “Historia”, que conta com quase 90 anos de tradição naquele país. Quanto a Miriam, editora-chefe da História Viva, soubemos ser sua formação não só em jornalismo, mas também em História, curso este realizado na mesma Universidade de São Paulo (USP). Fora através dela que obtivemos as informações a seguir, concernentes a História Viva.

Sua tiragem gira em torno dos 65.000 exemplares, tendo por público alvo “adultos (...) interessados na matéria, não necessariamente com formação acadêmica”<sup>3</sup>, estendendo-se também a um público de jovens estudantes. Esta publicação desenvolve-se em parceria com a “Historia” francesa, a qual é formada por renomados especialistas atuantes nas mais diversas áreas.

Os dados por nós enunciados referem-se à publicação mensal da História Viva, mais especificamente a edição 16, do mês de fevereiro do corrente ano, que teve por capa os Vikings. A História Viva – Grandes Temas é de “*periodicidade trimestral, dedicada aos mais expressivos, polêmicos e decisivos acontecimentos e personagens da História, da antiguidade aos dias atuais*”<sup>4</sup>. Este seguimento da História Viva encontra-se hoje na 8ª edição, que aborda a temática Romana; as demais trouxeram por capa e tema a Vitória (edição nº 7); a Mesopotâmia (edição nº 6); o Renascimento (edição nº 5); o Brasil que Getúlio sonhou (edição nº 4); os Gregos (edição nº 3); a Revolução Francesa (edição nº 2) e por fim a aqui analisada: Jesus – o Homem e seu Tempo, que fora a precursora destas no Brasil, publicada em dezembro de 2003, propositalmente lançada às vésperas da festa Natalina, uma das mais significativas datas cristãs.

---

<sup>3</sup> IBAÑEZ, Miriam. *Resposta ao e-mail* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[leandro\\_usp@hotmail.com](mailto:leandro_usp@hotmail.com)> em 12 maio de 2005.

<sup>4</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.5



## **Metodologia Utilizada**

Após termos selecionado o material a ser trabalhado, procuramos estabelecer contato com a editora, o que foi feito via e-mail. E é desta fonte, aliada às informações dos demais grupos apresentados em sala de aula, bem como à consulta operada no site da mesma revista, que obtivemos as informações necessárias quanto a número de tiragem, assinantes, etc.

Realizada esta primeira etapa, partimos a uma análise individualizada de cada artigo presente, tendo em vista que nos restringiremos a uma única edição da publicação, a qual procuraremos explorar na sua totalidade.

Na tentativa de elucidar os métodos e conceitos utilizados pelos autores, empreendemos uma busca virtual (pouco frutífera) a respeito de cada um deles, estudando as possíveis influências de seus outros trabalhos e suas biografias.

Os artigos serão analisados não só em âmbito escrito, mas também no visual (pictórico-iconográfico) na tentativa de extrairmos os conceitos passados pelo autor bem como seus métodos e abordagens.

Não deixaremos de salientar aspectos referentes à diagramação e editoração da revista.

## ANÁLISES

### **“Jesus e seu tempo”**

Por Jacques–Nöel Pérès, traduzido por Alexandre Massella<sup>5</sup> (p. 6-7).

Professor de patrística na Faculdade de Teologia Protestante de Paris, Jacques Nöel Pérès é também pastor da Igreja Luterana e grande divulgador científico de estudos históricos sobre o cristianismo dos primeiros séculos e patrística. Trabalha também como professor na Escola de línguas e civilizações do Oriente Antigo em Paris.<sup>6</sup>

O autor procura deixar clara a questão que se coloca sobre tradição e História. Não só uma análise histórica dos fatos é exigida pelo assunto, como também uma análise com base nas tradições dos mitos e lugares.

Um grande problema enfrentado é o da intencionalidade marcante dos historiadores contemporâneos de Cristo (se é que podemos chamá-los de historiadores como citado, pela falta de métodos constantes entre eles, o que demonstraria um certo anacronismo de parte da revista), principalmente por fazerem parte da fé cristã.<sup>7</sup> Dentre os que não professavam a nova fé, três eram romanos e viam com extremo preconceito os habitantes da antiga Palestina, e um quarto era judeu – Flávio Josefo – que acabou sendo acolhido como fonte mais válida sobre o período; devido a sua posição um tanto imparcial dos fatos.

Jacques Nöel Pérès no decorrer de seu texto, mostra que mesmo saindo da figura de Jesus e partindo para um estudo da região, acabamos tendo acesso a documentos, principalmente por parte dos gregos, que descrevem o local misturando a realidade dos fatos com lendas e ilusões fictícias que acabam por deteriorar uma construção exata da época.

É importante a crítica que esse teólogo e pastor apresenta à tentativa de abordar historicamente uma figura tão mítica quanto Jesus; para ele não podemos esquecer que toda tradição pertence a uma memória coletiva, que representa o núcleo essencial daquilo que se quis preservar e que acaba criando uma verdade

---

<sup>5</sup> Tradutor free lancer de diversas editoras como a Abril e Duetto.

<sup>6</sup> Disponível em: <[www.iptheologie.asso.fr](http://www.iptheologie.asso.fr)>. Acesso em: 03 de junho de 2005.

<sup>7</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.6

que valeria a pena legar porque seria boa e capaz de tornar o passado útil ao presente.<sup>8</sup>

Isso acaba entrando em conflito com a proposta da História Viva de divulgar material científico de História, já que sabemos que o historiador não pode levar em conta materiais duvidosos como a Bíblia somente, para construir o passado, mas de certa forma a matéria deixa claro, que o assunto talvez não possa ser abordado somente pelo lado histórico, devido, quem sabe, à influência das religiões cristãs entre os leitores da revista, o que nos leva a questionar se o fator puramente histórico foi misturado a trabalhos de teólogos e lingüistas para arraigar dessa maneira maior quantidade de leitores, mesmo que contrarie a proposta da revista em si. Isso posto, qual a noção de cientificidade da revista História Viva em seu objetivo de divulgação apresentado na introdução?

#### **“Verdadeiro ou Falso”**

Sem identificação de autor (p. 8-9).

O artigo “VERDADEIRO OU FALSO?” é definido pela editora como parte que tenta elucidar lendas e boatos que se misturam aos relatos históricos sobre a Palestina<sup>9</sup>.

Nenhum tipo de fonte é indicado em todo o decorrer da matéria e nenhuma identificação é feita sobre quem possivelmente o escreveu. Sabemos que a edição da Revista Historia francesa apresenta o mesmo artigo, sendo assim concluímos que não foi por nenhum jornalista ou integrante do grupo editorial brasileiro.

Talvez um dos pontos fortes a destacar seja o material pictográfico. Esses sim apresentam fontes e legendas explicativas e, pela primeira vez na revista (ao que parece mais para frente ela também irá acertar esse detalhe), as fotos apresentadas possuem algum nexos com o texto.

Encontrando-se tal texto entre o primeiro e segundo artigo assinado por autores, este mais parece ter uma função explicativa ao leitor, em uma espécie de apoio de leitura aos demais textos que se encontram na revista.

São blocos de textos com assuntos os mais diversos (desde a páscoa judaica até os presentes que os reis magos teriam oferecido ao menino Jesus), que não apresentam nenhum tipo de metodologia de história, mais se aproximando de um

---

<sup>8</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.6.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/historiaviva/>>. Acesso em: 10 de junho de 2005

artigo jornalístico conforme analisado os conceitos de verdade colocados sem nenhum tipo de fonte ou guia de leitura.

### **“As Novas Datas na vida de Jesus”**

Por Liliane Crété, traduzido por Alexandre Massella (p. 10-13).

Liliane Crété é historiadora das religiões, especialista em história da Reforma e atual pesquisadora sobre o evangelista João.<sup>10</sup>

A autora procura através da análise dos evangelhos, balizar datas referentes ao nascimento e principais fatos da vida de Jesus.

Trabalhando de modo, até certo ponto, claro na revista, Liliane procura comparar as descrições dos fatos entre os diversos Evangelhos para aproximar datas “reais” dos ocorridos. Para contestar as descrições bíblicas, a historiadora faz uso de comparação e confronto entre os evangelistas e o historiador Flávio Josefo, dando ênfase a este último.

Os problemas são as conclusões descritivas que Liliane Crété vai discorrendo sem apresentar nenhum tipo de nota com fontes etc; como na parte em que escreve: *“Sabemos que, durante três anos, Tibério é co-regente com Augusto na parte leste do Império; Pilatos governa a Judéia de 26 a 36 de nossa era; Herodes Antipas, filho de Herodes O Grande e tetrarca da Galiléia e de Pereia de 4 a.C. a 39...”*<sup>11</sup> Sabemos como? Nenhum tipo de nota indica as fontes de suas conclusões que refutam a Bíblia.

Outro grande problema é a inserção no meio da matéria de figuras e pictografias que em nada se relacionam com o texto em si. Fotos com a construção de uma estrela da Natividade que guiou os três reis magos, um mapa da Palestina e a entrada de uma sinagoga na cidade de Carfanaum<sup>12</sup>, apesar de terem suas fontes e créditos, acabam desviando a atenção do leitor de um texto recheado de datas e nomes dos governantes da época, talvez numa tentativa de entreter o leigo, de um texto pouco atraente num conceito da mídia jornalística.

Mais uma vez se coloca a questão da seriedade do trabalho proposto no início da Revista Grandes Temas, quando um texto mais rebuscado, feito por um

---

<sup>10</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.13.

<sup>11</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.12.

<sup>12</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.11 a 13.

historiador, sofre variada interferência na sua edição, voltando-o para um leitor leigo e não acadêmico.

É perceptível a falta de audácia na contestação dos fatos bíblicos, mesmo chegando a mostrar incoerência nas datas dos evangelhos, a matéria em si não conclui nada que afronte dados religiosos, uma clara demonstração da “política de não polemizar” assuntos que poderiam ofender um consumidor religioso. Novamente a intenção da revista fica clara, que como foi constatado na análise, é a de apresentar um trabalho científico para um leitor leigo. Perguntamo-nos qual a finalidade desse ato, já que em nenhum momento sua editora-chefe declara ser esse o objetivo?

### **“A Ordem na Palestina Romana”**

Por Anne Logeay, traduzido por Ana Monteiro<sup>13</sup> (p. 14-21).

Anne Logeay é professora de línguas e civilização latina da Universidade de Roüen e costuma cooperar com certa constância com artigos na revista francesa *Historia*.

A autora em seu artigo procura nos mostrar como eram, na época, as relações dos povos da Palestina com seus dominadores – os romanos. Aqui percebemos, apesar da autora não ser conceituada como historiadora, a utilização de métodos comparativos e questionamento de fontes como a Bíblia e escritos contemporâneos à época de Jesus. Com um linguajar mais rebuscado, percebemos nas construções de suas idéias, uma aproximação com livros acadêmicos. Supondo que o leitor não seja um leigo por completo no assunto, Anne passa direto e sem explicações sobre termos como “macabeus”, “diáspora judaica”, “Tora” entre outros. Um outro momento em que a autora não identifica sua conclusão e, por conseguinte não cita fontes, é quando afirma sobre o possível nascimento de Cristo no ano de 4 a.C. “segundo uma certa tradição”<sup>14</sup>. Que tradição é esta?

Fotos sem nenhuma ligação com o texto corrente à página são colocadas no decorrer da matéria, obviamente numa tentativa de atrair um possível consumidor que talvez folheie a revista na banca, ou que se canse da massividade do texto. Pequenos quadros nos cantos das páginas procuram balizar o período que Anne Logeay cita em sua matéria.

---

<sup>13</sup> Tradutora de diversas revistas do grupo editorial Duetto.

<sup>14</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.16.

Do meio do artigo para o seu fim a qualidade da metodologia cai consideravelmente. Contestações de textos de historiadores são feitas sem utilização de argumentação que se sustente nem citação de fontes<sup>15</sup>; percebe-se a utilização repetitiva de palavras e de nomes consagrados no conhecimento geral, como Júlio César e Otávio Augusto citados nada menos que onze vezes o primeiro e nove o segundo, num artigo de cinco páginas.

A pergunta que fica aqui é até onde o processo de edição transforma o trabalho dos acadêmicos ou até onde esses mesmos acadêmicos não escrevem intencionalmente para uma revista de público leigo?

### **“Um filho que não tem Espírito de Família”**

Por Jacques Duquesne, traduzido por Ana Montoia (p. 22-29).

Jacques Duquesne é jornalista e escritor; foi co-fundador e redator chefe do semanário *Le Point*. Escreveu diversos livros de ensaios e biografias, freqüentemente sobre temática religiosa (*La Gauche du Christ* – 1972, *Jésus* – 1994, *Le Dieu de Jésus* – 1997, *Dieu expliqué à mes petits-enfants* – 1999, as novelas *Catherine Courage* – 1991, *Maria Vandamme* – 1993, etc.).<sup>16</sup>

Atualmente é presidente do conselho da revista *L'Express*.

Após situar a posição geográfica de Nazaré e descrever, sucintamente, suas características gerais, Jacques Duquesne, passa a analisar a família de Jesus e as relações deste com ela.

O primeiro a vir à tona é José. Aqui é colocado não só sua genealogia (questionada pelo autor), mas também sua profissão e a significação desta naquela sociedade.

Duquesne apercebe-se do desaparecimento de tal personagem nos relatos bíblicos da vida adulta de Cristo, e supõe ser este fato decorrente da possível morte daquele. Salaria a importância, muitas vezes esquecida, da figura paterna na formação educacional e religiosa dos filhos. Fora José quem levava Jesus à Sinagoga e o ensinara a dizer “Amém”, no entanto sua figura é muitas vezes ofuscada pela importância de Maria.

---

<sup>15</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.19.

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://www.seix-barral.es/fichaaautor.asp?autor=130>>. Acesso em: 02 de junho de 2005.

Ao voltar-se à Mãe, Duquesne relata a posição social feminina no mundo antigo; faz uma descrição da típica casa nazarena e surpreende-se com o pouco conhecimento e citações bíblicas que possuímos da mãe de Cristo. Sua genealogia é controversa e muitas vezes baseada em textos apócrifos, já que os Evangelhos pouco dizem sobre ela.

O autor destacará Maria nas quatro vezes em que aparece no Novo Testamento (após os grandes episódios da Natividade e do desaparecimento de Jesus no Templo), centrando-se nos relatos ofertados concernentes à tensão vivida por Jesus em relação a sua família; tensão esta oriunda do início de sua pregação.

É sobre tal “rixa” familiar que este autor se debruça, buscando suas razões. A partir dela colocará questões a respeito da relação de *“verdadeira intimidade de alma e espírito”*<sup>17</sup> entre Maria e Jesus, que sairia arranhada com a confirmação de tal fato, também a existência ou não de irmãos de Cristo, contestada pela Igreja católica, mas presente no texto bíblico, de onde o autor conclui ser a família de Cristo idêntica a família judia da época, ou seja, numerosa e zelosa da educação religiosa de seus filhos.

Por fim Jacques Duquesne tenta explicar, com base na Bíblia, o porquê de tal indisposição entre Cristo e seus pais - já que estes conheciam desde o início sua santidade – acaba por concluir que fora um erro de tradução que nos proporcionara a incompreensão da atitude dúbia de Maria (que no início da pregação do filho estivera distante dele, mas se aproximara no fim de sua vida). Esta procura compreender as atitudes do filho e quando consegue, reúne-se, enfim, a ele, então, para Duquesne, Maria poderia ser vista como a *“primeira teóloga do mundo cristão”*<sup>18</sup>.

Como fica claro, o autor, antes de aprofundar-se sobre o tema que se propôs e que se anuncia no próprio título do artigo, procura contextualizar o mesmo tema, buscando para isso o auxílio não só da Bíblia, mas também, de outros escritos e autores, colocando por fim, as suas próprias conclusões.

Quando trata da cidade de Nazaré, ou mais propriamente da localidade da Galiléia na qual aquela se situa, o escritor usa tanto do historiador, de certa forma contemporâneo, Flávio Josefo, quanto de Ernest Renan, que mantém em relação aos fatos uma distância de mais de dezoito séculos. Ambos autores descrevem a região com o *“mesmo lirismo”*<sup>19</sup>, Duquesne usa de citações para confirmar tal

---

<sup>17</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, n° 1, dezembro 2003. p.27.

<sup>18</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, n° 1, dezembro 2003. p.29.

<sup>19</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, n° 1, dezembro 2003. p.23.

conclusão – no entanto, estas carecem de maior rigor já que não possuímos notas (de rodapé, por exemplo) que nos elucidem de onde foram retiradas.

Em seguida o autor desmistifica tal região, assinalando as desigualdades presentes na mesma que teoricamente não teriam sido notadas pelos autores antes citados; ressalta também as omissões bíblicas quanto a cidades importantes (como Séforis) certamente conhecidas por Jesus.

A mesma Bíblia, a despeito de servir de base as suas conclusões, é, no decorrer do texto, muitas vezes colocada em cheque. O autor, sem desprezá-la, mantém com ela um posicionamento crítico; a cita para firmar seus argumentos, aliando a mesma textos apócrifos e escritos de religiosos.

Na composição de sua argumentação os textos judaicos também não são esquecidos; utiliza-se do Talmude e descreve os costumes judeus importantes para a compreensão do contexto social de Cristo. Ao mesmo tempo a etimologia lhe serve de explicação e legitimação dos fatos que levanta, é com base em tal recurso que afirma a existência de irmãos e não primos de Jesus, também é por meio de um erro de tradução que justifica as atitudes de Maria em relação a seu filho, ela teria demorado a compreender aquele, daí o seu distanciamento e tensão.

É ao tratar da figura de Maria que Jacques Duquesne nos deixa transparecer mais facilmente os alicerces nos quais se apóia e os debates que sustenta. São aqui citados, para além dos Evangelhos “legítimos”, os apócrifos; mais especificamente, o Protoevangelho de Tiago e também os escritos de Padres da Igreja, no caso de Irineu, bispo de Lyon. O autor ainda indica a existência de debates de exegetas em torno de tão importante personagem, acaba por nos mostrar (por meio de citação) a conclusão a que chegara um deles, qual seja, o padre jesuíta Xavier Leon-Dufour, a que tudo indica<sup>20</sup>, em seu livro *“Leitura do Evangelho segundo João”*.

Outra obra textualmente citada é *Antiguidades Judaicas* de autoria de Flávio Josefo, utilizado no âmbito da discussão sobre a existência ou não de irmãos de Jesus. Duquesne afirma estar a emergência de tal tema associada à descoberta recente de um ossuário de pedra (fraudulento) onde se gravara: *“Tiago, filho de José, irmão de Jesus”*<sup>21</sup>, tal fato só vem atestar a relevância das referências arqueológicas na feitura da História, e no que tange a História do Cristianismo, nosso autor não

---

<sup>20</sup> Porque mais uma vez a citação não é situada.

<sup>21</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.28.



deixa de postular os recursos existentes para tal construção, isto é, a “*análise rigorosa dos textos e das traduções*”<sup>22</sup>.

Uma outra fonte discernível ao longo do artigo é a condizente aos escritos do “*pai da história da Igreja*”<sup>23</sup>, Eusébio de Cesaréia, utilizada também para afirmar a presença de Tiago, irmão de Cristo.

É interessante notar que Jacques Duquesne tira seu problema – o conflito familiar de Jesus – da Bíblia, e com a mesma o resolve (ao supor que tal tensão, sobretudo com Maria, oriunda da pregação de Cristo, se findara quando aquela finalmente compreendera quem era o filho, trecho este, da mesma forma que o conflito, presente no texto, mas sujeito a um erro de tradução que dificultara a melhor apreensão dos atos). Não há nele, a despeito das questões e senões que coloca, um distanciamento marcado em relação a esta fonte; não contesta a veracidade de seus fatos, pelo contrário, constrói toda a sua argumentação em torno dela, o que nos permite supor que o mesmo partilhe de uma interpretação da história pautada em religiosidade.

Se nos atermos a números perceberemos que a Bíblia é sem dúvida sua principal fonte, ela, ou partes dela, são mencionadas cerca de 23 vezes, sem contar as citações de trechos da mesma que totalizam 12 ocorrências contra 3 de outros materiais não diretamente relacionados à Igreja (2 de Flávio Josefo e 1 de Ernest Renan). Quanto a tais citações bíblicas notamos o mesmo problema assinalado com as demais obras; 6 das 12 citações não contêm sua localização precisa, o que denota a falta de preocupação metodológica do escritor. Também não nos é exposta, em separado, a completa bibliografia por ele utilizada, percebemos esta diluída no texto, mas somente quando o autor se propõe a oferecê-la, o que nos faz supor que exista lacunas na mesma.

Quanto à escrita do texto, Duquesne, alia à mera descrição dos fatos e costumes (o que em si já é uma forma de explicação histórica) as suas próprias interpretações e conclusões; opera a uma análise do texto bíblico pautada em conhecimentos exteriores a ele, ou seja, contexto histórico, costumes judaicos, romanos, etc. Também se propõe a verificar os possíveis erros de traduções e faz uso da origem das palavras ou da língua grega para embasar suas argumentações. Há nele certa preocupação em afirmar somente aquilo presente em mais de um documento, seja confrontando os vários Evangelhos ou aliando a um deles

---

<sup>22</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.28.

<sup>23</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.29.

episódios semelhantes relatados por personagens contemporâneos. Ao menos, neste sentido, podemos afirmar que ele se adequa ao método de trabalho do historiador, mas, no entanto, não vai muito além disso.

Não nos foi possível retirar de sua escrita nenhum conceito que se restrinja ao campo das Teorias de História; ele não parece estar enquadrado em qualquer corrente historiográfica, nem tampouco usa, indiscriminadamente, conceitos inerentes a elas.

No que concerne ao aspecto visual do artigo, deparamo-nos com 7 iconografias; 6 pinturas e uma esquematização da genealogia de Cristo. Aparentemente estas servem para ilustrar o texto (e não o contrário) já que as mesmas vinculam-se aos aspectos levantados; sem dúvida a genealogia era a única imprescindível, mas as demais não chegam a compor material inútil, haja vista que trazem temas relacionados à família de Jesus; episódios bíblicos, e a mais extensa delas, a uma carpintaria contemporânea (Jacques Duquesne salienta o papel social de carpinteiros, como José, naquela sociedade).

Com exceção da primeira imagem, todas as demais trazem consigo os créditos (título, autoria, data e local de origem). A maioria delas são pinturas conhecidas, de autores consagrados (como Rafael e Giotto). Alocam-se em alguma extremidade da folha, ou tomam uma metade dela, não chegando a ocupar a página inteira.

Por fim encontra-se o usual glossário que nos esclarece a respeito dos 4 Evangelistas e Atos dos Apóstolos, dando-nos a data de sua escritura e uma breve descrição de seu conteúdo.

### **“Na Sinagoga, ele se inicia na Arte da Polêmica”**

Por Jeanne Chaillet, traduzido por Celso Paciornik<sup>24</sup> (p. 30-35).

Jeanne Chaillet é especialista em Bíblia, diplomada em línguas semíticas antigas. Estuda o pensamento judaico presente nos Evangelhos.

O presente artigo tem por tema primeiro a formação educacional de Jesus Cristo; suas idas ao Templo e os estudos que praticou a partir dos 6 anos de idade,

---

<sup>24</sup> Celso Paciornik trabalha profissionalmente como tradutor desde o final dos anos 80. Trabalhou muitos anos no jornal Gazeta Mercantil e trabalha atualmente no jornal Valor Econômico. Disponível em: <<http://www.estacaoliberalidade.com.br/autores/celso.htm>>. Acesso em: 10 de junho de 2005.

que abarcavam não só as Escrituras mas, da mesma forma, a leitura, geografia, história, cálculo e a arte da polêmica. Todos aprendidos na Sinagoga, que abrigava a escola e constituía-se como centro da vida social daquele período.

Após esta primeira parte, Jeanne Chaillet passará a centrar-se nas mais importantes comemorações judaicas. A primeira a ser enfocada é o Sabat, que merece longa descrição seguida da avaliação de qual seria o seu propósito, ou seja, *“remeter o homem ao momento da Criação”*<sup>25</sup>. O Sabat é uma espécie de ritual familiar, distinto das três festas de peregrinação abordadas em seguida – o Sucot, a Pessach e o Shavuot – que são extensamente descritas mas, muito pouco interpretadas, à semelhança do acontecido com a solenidade do Yom Kippur, a última trazida à baila.

Por fim, Chaillet aponta a justificação – nos textos sagrados – das festas judaicas, assim como sua diferença em relação às cristãs.

No geral tal artigo carece de maior caráter analítico, há excesso de descrição e escassez de interpretações e conclusões.

A autora centra-se exageradamente em escritos sagrados (mencionados cerca de 18 vezes), muitas vezes não devidamente situados. Encontramos 11 citações textuais de tais escritos, das quais 5 não são localizáveis. Não há em seu texto menção a qualquer outra fonte por ela utilizada, a despeito de encontramos no decorrer da leitura fatos não bíblicos.

Também a maior parte do conteúdo do artigo destoa do título a ele imposto, o que faz parecer que o mesmo fora enxertado juntamente com os poucos 3 parágrafos a ele correspondentes. Há uma visível quebra de enredo na passagem da descrição da educação de Cristo para as festas judaicas, que apenas em um momento inserem a figura daquele.

Há em Chaillet uma certa preocupação em buscar na própria Bíblia a origem/criação dos temas por ela tratados, é assim que opera, por exemplo, quando se refere à parábola ou a Sinagoga<sup>26</sup>. Também as festas são justificadas por intermédio dela, no entanto, não nos é exposto de onde a autora retira as descrições pormenorizadas das mesmas; como nos demais artigos, nos é suprimida a bibliografia correspondente e, no caso do artigo em questão, a situação piora, afinal como já dito, a escritora não a cita no decorrer do texto.

---

<sup>25</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.32.

<sup>26</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.32.

O artigo trabalhado só muito forçosamente poderia ser considerado um trabalho historiográfico, haja vista que a preocupação metodológica é quase nula; toda a argumentação gira em torno de um único documento (o qual em nenhum momento é posto em dúvida); os assuntos tratados carecem de uma séria contextualização (as festas são descritas, na maior parte das vezes, desvinculadas, seja de seu contexto histórico, ou mesmo da personagem central da revista – Cristo); não há debates em voga; nem aparente utilização de qualquer Teoria da História.

Não desconhecemos que a descrição possa ser considerada um modo de explicação histórica, no entanto, a mesma precisa vir acompanhada de alguma forma de interpretação/compreensão, afinal erudição não é quesito único para a composição de um bom trabalho de História.

São apresentadas no artigo 7 iconografias, distribuídas entre pintura, gravura, iluminura e um quadro esquemático do calendário judeu. Duas de tais imagens abordam o mesmo tema: “A circuncisão de Cristo”<sup>27</sup>, é interessante observar que tal assunto não é diretamente abordado no artigo, que se vincula mais as festas judaicas. Talvez tal repetição venha mesmo legitimar o tema trabalhado, ao associar e fixar a figura de Cristo a um ritual conhecidamente semita.

Somente estas duas figuras retratam Jesus, as outras 4 relacionam-se a motes estritamente judaicos e só em uma, além, é claro, do calendário, percebemos clara alusão às festas descritas.

Tais ilustrações ocupam parte considerável do artigo; a segunda delas (uma das circuncisões de Cristo, a de L. Cândido) preenche mesmo uma página inteira, duas outras meia página e as demais se alocam em alguma extremidade da mesma. Quatro, das sete, não possuem créditos precisos, faltando, normalmente, a datação a elas correspondentes.

O glossário traz esclarecimentos sobre três termos: levitas, gentios e Dias Terríveis, sendo que este último em nenhum momento aparece no texto.

### **“Dezoito anos sem deixar vestígios”**

Entrevista com Jacques-Noël Pérès, realizada por Alice Rolland e traduzida por Celso Paciornik (p.36-39).

---

<sup>27</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.31 e 32.

Jacques-Noël Pérès é pastor da Igreja Luterana, professor de Patrística na Faculdade de Teologia Protestante de Paris, na qual também exerce o cargo de Reitor. Publicou uma tradução comentada da Epístola dos Apóstolos.

A revista interroga o entrevistado a respeito do “sumiço” de Jesus das Escrituras por um período de 18 anos. O teólogo responde que somente existe interesse na vida de Jesus, porque a “fé cristã é a fé de um Deus encarnado”<sup>28</sup>; de existência terrena e inserido numa história apresentada sobretudo na Bíblia. No que diz respeito a esta, Noël Pérès, elencará uma série de questões referentes a sua veracidade.

Afirmará que tal fonte de fato não contém todos os atos e falas de Jesus; as lacunas foram preenchidas ou geradas por seus seguidores, que “*conservaram o que lhes parecia necessário e omitiram o que não tinha interesse imediato...*”<sup>29</sup>. Mas tais textos não constituem, para Noël (baseado em Oscar Cullmann), apesar disto, inverdades. São “*autênticos testemunhos de fé*”<sup>30</sup> assim como o próprio Evangelho.

As lacunas de sua vida são preenchidas por hipóteses, mas tal período de ausência não é de importância vital para o teólogo, e se as hipóteses são buscadas é por mera curiosidade, para se justificar os *a priori* que são formados a respeito de Jesus, para “*orientar a imagem que se vai dar dele*”<sup>31</sup>. “*Jesus é um personagem histórico*”<sup>32</sup> e para que não duvidem é preciso encontrar argumentos que atestem a sua existência/vida, daí a busca das hipóteses.

Por se tratar de uma entrevista a análise por nós empreendida torna-se um tanto quanto limitada, Noël Pérès responde a questões circunscritas e, portanto, não lhe é concedido espaço para maiores explanações das quais mais facilmente retiraríamos seus pressupostos científicos.

Apesar disto, a partir das respostas dadas, apreendemos uma certa aproximação do entrevistado a um método historiográfico, mesmo que pouco rigoroso. Mais de uma vez ele cita a importância das fontes na confirmação da história, no caso, da de Jesus; da qual possuímos não só datas compatíveis com a história conhecida, mas também personagens (como imperadores) que nos deixaram rastros documentais, o que atestaria a existência daquele.

---

<sup>28</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.36.

<sup>29</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.38.

<sup>30</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.38.

<sup>31</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.39.

<sup>32</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.39.

Noël Pérès mantém uma posição crítica a respeito da fonte em que se baseia (Bíblia), questiona a veracidade dos fatos que ela narra (muitas vezes impregnados de caráter “maravilhoso”<sup>33</sup>) no entanto, não consegue se desvincular dela e acaba por firmar sua autenticidade (levando em conta que a mesma é sobretudo um testemunho de fé) dentro de padrões relativos.

Sua fala não se alicerça somente em tal texto sagrado, busca também os apócrifos, cita Voltaire e Oscar Cullmann, a despeito de não nos fornecer maiores informações sobre os mesmos. Desconhecemos a qual apócrifo ou a quais obras destes autores ele se refere, afinal não há notas de rodapé, nem mesmo a exposição da bibliografia utilizada.

Ilustrando o texto, existem duas pinturas que abrangem quase 50% do espaço. Ambas relacionam-se a fatos mencionados pelo teólogo e apresentam-se devidamente referenciadas. A primeira delas: “São João Batista no deserto”, de Philippe de Champaigne, ocupa uma página inteira, enquanto a segunda (“Cristo do Deserto” de Ivan Kramskoy) utiliza dois terços (2/3) da outra.

À diferença do comumente estabelecido, este artigo não possui glossário. Nos é dado o nome de quem entrevistara o teólogo, mas nada além disto.

### **“Nas Províncias do Ocidente”**

Por Catherine Salles, traduzido por Celso Paciornik (p. 40-45).

Catherine Salles é mestre de conferências em Paris X- Nanterre, Doutora e Professora suplente de Letras Clássicas. Entre suas principais publicações encontram-se: *Les Bas-fonds de l'Antiquité* - 1982; *L'Antiquité Romaine* – 2000; *L'art de Vivre au temps de Julie, fille d'Auguste* – 2000 e *Quand les dieux aux hommes- Introduction aux mythologies grecque et romaine* – 2003.

O artigo faz uma contextualização das Províncias do Ocidente na época de Jesus.

A autora foca seu texto no Império Romano sob o governo do Imperador Tibério. Este como sumo pontífice deveria preservar a religião tradicional e vigiar as atividades de cultos estrangeiros. Um grupo que estaria provocando problemas: os judeus. Estes estariam causando escândalos e atraindo além dos populares, a nobreza. Com isso, Tibério teria tomado medidas contra eles.

---

<sup>33</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.36.

No artigo, a autora destaca o Imperador Tibério. Este aparece dezenove vezes em apenas seis páginas de artigo. Ainda ressalta o fato de este ser maltratado pela tradição histórica, que o apresenta como “...*cruel, dissimulado e corrupto.*”<sup>34</sup>

Com relação às regiões romanizadas, também haveria problemas, como a insurreição gaulesa, que levou estes ao conflito com os romanos que estariam tendo problemas com os povos livres.

O artigo prossegue descrevendo a relação dos romanos com a África. Os romanos teriam procurado consolidar as suas fronteiras africanas, teriam estendido a sua dominação sobre o Saara ocidental, mas não teriam chegado a descobrir a África negra. Assim como a África, o Oriente Médio era uma área problemática do Império Romano, pois a fronteira com a Arábia precisava ser protegida contra os povos vizinhos. Na região da Judéia no ano de 26 teria chegado Pôncio Pilatos, na condição de procurador. Este teria causado muitos problemas com as populações locais, principalmente ao criticar o judaísmo. Esta contextualização da região da Judéia é importante para o entendimento do contexto da vida de Jesus, visto que Pôncio Pilatos será o responsável pelo seu julgamento.

A autora não demonstra as fontes utilizadas, com exceção da citação do geógrafo do século I Pompônio Mela.

Essa ausência de fontes prejudica o objetivo da revista de fazer um trabalho com um caráter científico. Mesmo que, saibamos que não se trata de um trabalho acadêmico, mas sim de uma revista voltada para o público leigo, a autora deixa a desejar. Principalmente quando se utiliza claramente de juízo de valor. Mesmo sabendo que em um trabalho é inatingível a imparcialidade total, pois o historiador é influenciado tanto pela sua formação (pessoal e acadêmica), como pelo próprio momento da história em que vive, deve-se procurar ao máximo a imparcialidade na construção de trabalhos históricos.

Um exemplo desse uso de juízo de valor pode ser percebido com a descrição de um episódio, no qual a autora vai retratar um conflito entre os frisões e os romanos. Estes teriam obrigado os frisões a fazerem tarefas impossíveis de serem cumpridas, e mesmo sabendo disso, os romanos teriam se apossado de suas terras e vendido suas mulheres e crianças como escravos. A autora qualifica, então, os

---

<sup>34</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.43.

romanos como arrogantes. “A *arrogância dos romanos provoca problemas ocasionais com esses povos livres*”<sup>35</sup>.

Outro fator que mostra a ausência de uma metodologia é o excesso de adjetivação, como nos seguintes exemplos: “*homem inteligente e ambicioso*”, “*escândalos rumorosos*”, “*temíveis partos*”<sup>36</sup>, dentre outros.

A autora utiliza-se de vocábulos que talvez possam ser questionados, como por exemplo, na seguinte frase: “*Os gauleses sabem tirar proveito dessa romanização*”<sup>37</sup>. O termo “tirar proveito” nesta frase adquire um sentido negativo, pois desconsidera o processo dialético, que é comum a um acontecimento histórico, nesse caso tanto os romanos acrescentariam aos gauleses, como vice-versa.

No artigo também há o uso pela autora de anacronismo em duas passagens. Sendo a primeira a seguinte: “*...essa insurreição gaulesa que não se confunde com um movimento de sublevação nacional, resumindo-se a uma simples revolta local.*”<sup>38</sup>. A autora torna possível a utilização da palavra “nação” para o período tratado, porém, este é um termo de uso complexo e que contém uma conceituação talvez não adequada à época. A outra passagem é “*A Inglaterra fornecia ouro e estanho a Roma*”<sup>39</sup>. Pode ser que ao utilizar o termo “Inglaterra” a autora estivesse buscando facilitar o entendimento do público leigo, mas o termo mais adequado seria, por exemplo, “a região correspondente à atual Inglaterra”, visto que não existia a Inglaterra.

No artigo, a autora utiliza-se de uma Teoria de História de caráter marxista. Pois, usa termos pertencentes a tal corrente historiográfica, como a palavra “classe”, perceptível nas seguintes frases: “*as classes superiores e a plebe...*” e “*... depois de ter seduzido as classes populares de Roma...*”<sup>40</sup>.

De modo geral a contextualização é bem feita, apesar do uso de termos inadequados como os citados. A autora faz uma descrição simples, sem a utilização de termos difíceis, o que facilita o acesso de todos à compreensão do artigo. Para facilitar essa compreensão há no artigo um quadro de destaque sobre o Imperador Tibério, que faz uma pequena biografia de sua vida pessoal e como homem público. No quadro também há a inserção de Jesus, o que facilita a ligação do artigo com o tema central da revista.

---

<sup>35</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.43.

<sup>36</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.41 e 44.

<sup>37</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.42.

<sup>38</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.43.

<sup>39</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.44.

<sup>40</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.41 e 42.



Ainda com relação a esse esforço didático há no final do texto um glossário. Este apresenta três palavras, que apesar de relacionadas com o assunto do texto, não estão inseridas nele.

Quanto à iconografia, encontramos cinco imagens. Todas apresentam os créditos corretamente. Três são meramente ilustrativas, sendo que uma nada tem a ver com o tema ou a época do artigo, pois é uma pintura de dois mil e quatrocentos anos antes de Cristo, em que escravos egípcios colhem papiro às margens do rio Nilo. Há outra imagem que apresenta um caráter argumentativo no texto, pois data do período e comprova o assunto que está sendo tratado, isto é, a relação dos romanos com a África, trata-se de um mosaico do século I, que mostra um barco de caçadores romanos durante o período de cheia do rio Nilo.

A iconografia principal apresentada é a referente a uma escultura do busto do Imperador Tibério, que data de cerca de 14-37. Esta ocupa uma página inteira e encontra-se no início do artigo. O que demonstra a importância de Tibério nele, tendo um sentido de ilustração quanto ao assunto tratado; também tem uma função argumentativa, pois é uma cultura material que, pela data, confirma a existência desse Imperador.

### **“Nas Províncias do Oriente”**

Por Richard Lebeau, traduzido por Sérgio Blum (p. 46-51).

Richard Lebeau é historiador especialista em Antigüidade no Oriente Próximo. Publicou: *Une histoire des Hébreux, de Moïse à Jésus* - 2002 e, mais recentemente, um *Atlas historique des Hébreux (Autrement)*<sup>41</sup>.

O artigo contextualiza a época tratada pela revista no que se refere às províncias do Oriente. Destacando Petra, Palmira e Alexandria, considerados centros de irradiação do comércio mundial. Além de retratar a relação dos romanos com estes centros, mostra também a inserção de produtos exóticos provenientes da Arábia, da Índia e da China nos mercados deles.

Até a tomada de Petra no ano de 106, as caravanas na parte da Arábia eram controladas pelos nabaetanos. Petra era considerada a *“rainha do comércio mundial”*<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.51.

<sup>42</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.49.

Palmira tinha um papel importante entre o comércio do Oriente e Ocidente. Destacava-se por suas águas sulfurosas e benéficas. Era uma parada obrigatória entre o Oceano Índico e o Mediterrâneo.

Alexandria destacava-se como o farol da cultura clássica, em que se desenvolvia a retórica, a filosofia, a medicina, a geografia, a geometria e a astronomia.

Quanto aos produtos exóticos: da Arábia o maior interesse era pelo incenso e pelas especiarias; da China a maior procura era pela seda.

Outro ponto de destaque no artigo é a guerra de três séculos que Roma enfrentou com os partos pelo controle das rotas comerciais.

De modo geral, este artigo foge da problemática central da revista. Apesar de ser feita uma contextualização, é difícil a percepção da relação desse contexto com Jesus. Isto se dá apenas indiretamente ao se relacionar essas províncias com o Império Romano. Mas, diretamente Jesus é citado em apenas duas passagens. Uma na qual o autor mostra a possibilidade que algumas pessoas levantam de que Jesus teria chegado ao Himalaia, devido a essas rotas comerciais. E a outra passagem é ao falar do comércio do incenso e da mirra. Estes produtos encontraram-se relacionados a Jesus, segundo os Evangelhos “... produtos também citados nos Evangelhos e levados pelos Reis Magos quando de sua visita a Belém. O ouro simboliza a realeza de Jesus; o incenso, sua divindade; a mirra, sua morte”<sup>43</sup>.

Richard Lebeau apresenta algumas fontes que utilizou para a escrita de seu artigo, por exemplo, ao citar Plínio, o historiador romano; o historiador grego Apiano; e o geógrafo grego Estrabão. Também cita os Evangelhos, e ainda levanta uma hipótese pensada por alguns historiadores. Esta maior citação de fontes, apesar de ainda ser pequena em comparação com o desejável, pode ser realizada devido à própria formação do autor, que é historiador, fato que o levaria talvez a uma maior preocupação com a utilização de fontes diversas, e de demonstrar o uso destas.

Apesar da contextualização ser explicitada de uma forma clara e explicativa, aparecem termos no artigo que provavelmente são incompreensíveis para um público mais amplo. Como, por exemplo, o termo “*Pax Romana*”<sup>44</sup>, dentre outros. No caso do exemplo citado, deveria estar inserida no artigo uma explicação sobre o seu significado. O glossário poderia conter mais de uma palavra e não apenas o termo “Arábia”.

---

<sup>43</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.48.

<sup>44</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.48.

No sentido de tornar mais fácil a compreensão do artigo, aparece um quadro de destaque, que disserta sobre a capital parta. Este quadro ajuda no entendimento de um dos assuntos tratados, que são as guerras entre os romanos e os partas.

Quanto à utilização de conceitos relacionados à História, percebe-se um conceito de inspiração da Filosofia da História de caráter laico na seguinte frase: “*No início de nossa era Alexandria não está mais em seu apogeu, e já não possui seus palácios, teatros e templos*”<sup>45</sup>. O termo *apogeu* sugere a idéia da composição de um tempo cíclico, no qual todas as civilizações estariam fadadas a um ciclo que seria composto por seu surgimento – apogeu – decadência, até resultar em seu desaparecimento. No exemplo citado, Alexandria estaria em uma fase de decadência, seguindo para o seu desaparecimento.

No que diz respeito às imagens do artigo, todos os créditos foram apresentados corretamente. Ao todo são cinco imagens. Uma é um mapa do Oriente, que apresenta um caráter didático, sendo importante para a construção do texto, pois facilita o entendimento do assunto tratado, afinal ilustra as localidades das regiões citadas. Há uma pintura, que retrata a relação entre os mercadores árabes e o Ocidente; e duas fotos, uma ilustrando os mercados romanos, e outra expondo um mercado romano do século III em Palmira, na Síria. A imagem mais importante ocupa uma página inteira, e mostra o assunto a ser tratado, tendo também uma função argumentativa. Esta é uma foto tirada em 2002 de um edifício com influência greco-romana construído pelos nabaetanos, que se localiza em Petra, na Jordânia.

### **“As correntes do judaísmo”**

Por Simon C. Mimouni, traduzido por Celso Paciornik (p. 52-61).

Simon- Claude Mimouni, é diretor de estudos da seção de ciências religiosas da EPHE ( *Ecole Pratique des Hantes Etirdes*), escola em que é titular da cadeira “Origens do Cristianismo”. Simon estuda a história da formação do movimento dos discípulos de Jesus dentro e fora do judaísmo nos séculos I e II. Após vários anos, tornou-se diretor da “*Revue des études juives*”, fundada em 1880, assim como da “*Collection de la Revue des études juives*”, publicada nas Edições Peteers. Dentre

---

<sup>45</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.50.

suas principais publicações destaca-se *La Formation des communautés religieuses dans le monde gréco-romain* - 2003<sup>46</sup>.

Este artigo vai tratar da disseminação de vários grupos religiosos na Palestina durante a época de Jesus. Há a disputa de poder entre as diversas correntes religiosas, inclusive em Jerusalém. Situação que seria causada pela falta de uma autoridade religiosa no século I, que fosse reconhecida além do sacerdócio do Templo de Jerusalém, juntamente com uma relativa liberdade de expressão de convicções religiosas.

Segundo o autor, o surgimento de grupos religiosos é possível, pois se vivia na época uma atmosfera agitada de crises sociais endêmicas que favorecem o surgimento de crenças esperançosas de um futuro melhor. Estas crenças são marcadas por aspectos apocalípticos e por características proféticas ou messiânicas. A origem dessas correntes seria explicada por uma explosão de criatividade reformadora e purificadora em um momento de crise.

Segundo Flávio Josefo, destacariam-se quatro grupos religiosos: os saduceus e os fariseus (judaísmo majoritário), e os essênios e os zelotas (que seriam grupos marginais).

Também há o surgimento de grupos com tendências mais proféticas e messiânicas. Dentre estes, destaca-se o dos discípulos de Jesus de Nazaré, que formarão uma corrente no seio do judaísmo. A partir desta surgirá ramificações como os nazoreus, ebionitas e elcasaitas.

A partir da contextualização do surgimento desses grupos, o autor vai descrevê-los, destacando as idéias que defendem, fatos importantes ligados a eles e suas peculiaridades. Inicia com a descrição dos saduceus, seguindo com a dos grupos messiânicos de maneira geral. Depois vai expor os fariseus, seguido dos essênios. Posteriormente descreve os zelotas e os sicários, e logo após os nazoreus. Depois faz um apanhado geral sobre os grupos proféticos e sobre os grupos batistas. Encerra o artigo inserindo Jesus Cristo nesse contexto religioso.

Esse artigo é importante para o tema central da revista, pois vai contextualizar o aparecimento de Jesus e seus discípulos na Palestina. É um artigo bem escrito, que além de descrever os grupos religiosos, insere-os em um contexto

---

<sup>46</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.61.  
Disponível em: <[http://www.editionsducerf.fr/html/fiche/ficheauteur.asp?n\\_aut=1472](http://www.editionsducerf.fr/html/fiche/ficheauteur.asp?n_aut=1472)>. Acesso em: 10 de junho de 2005.

mais amplo que é analisado, o que garante uma maior consistência ao texto, e não apenas a exposição de idéias esparsas.

O autor apresenta suas idéias de forma clara e compreensível para um público mais amplo.

No artigo tem-se a presença de problemáticas contemporâneas, como os conflitos religiosos que ainda permanecem dois mil anos depois, assim como a pergunta que inicia o seu artigo *“E qual o lugar de Deus em tudo isso?”*<sup>47</sup>.

Quanto às fontes utilizadas, o autor destaca Flávio Josefo em dois livros *“A guerra dos judeus”* e em *“Antiguidades judaicas”*. Este autor é usado em vários momentos, inclusive para descrever alguns grupos religiosos. Também fala em fontes cristãs. Faz referência ao Novo Testamento, e expõe as dificuldades em se encontrar fontes para determinados grupos: *“...a documentação disponível é precária e de difícil avaliação”*<sup>48</sup>. Cita as fontes judaicas e também alguns escritores cristãos, como Hegesipo (século II) e Epifânio (século IV). Este artigo é, de maneira geral, bem embasado por fontes, principalmente se comparado com os outros artigos da revista.

No que tange aos conceitos de História, o autor utiliza o termo “decadente”, na seguinte passagem: *“...em meio de uma sociedade em decomposição e de uma realidade política e nacional decadentes”*<sup>49</sup>. Este termo pode indicar uma referência à idéia de tempo cíclico presente na Filosofia da História com caráter laico, pois ao falar em decadência, indica que já houve um apogeu e que o próximo passo seria o desaparecimento. Esta idéia é a que nos pareceu mais certa, porém como o autor descreve o tempo todo no artigo um contexto de crise, este termo pode ser apenas uma indicação a essa crise e não necessariamente essa sociedade estaria fadada ao desaparecimento, pois o autor tem uma visão contemporânea e sabe por esta que não houve o desaparecimento dessa sociedade, pelo contrário, o que houve foi a expansão das idéias nela desenvolvidas.

Quanto à construção do texto o autor se contradiz, no que se refere ao judaísmo. Primeiramente inicia expondo a idéia de que o termo judaísmo é anacrônico para a época. Existiriam diversas correntes judaicas, com peculiaridades próprias e bem diferentes umas das outras. *“Antes do século II de nossa era, o que chamamos, de modo anacrônico, de judaísmo é uma religião de contornos bem*

---

<sup>47</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.52.

<sup>48</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.60

<sup>49</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.53.

*diversificados, tanto no plano das crenças como no plano das práticas*<sup>50</sup>. Porém, posteriormente no decorrer do texto o autor utiliza-se da expressão “nação judaica”<sup>51</sup>. Este termo, além de possivelmente ser anacrônico, pois é discutível a existência de uma no período; é contraditório, pois possibilita uma unidade com características complexas ao que o autor expôs como grupos com contornos bem diversificados.

Existem onze imagens no artigo. Sendo uma, a foto de um documento dos Manuscritos do Mar Morto, que foram encontrados em 1947 nas cavernas de Qûmram, Israel. Esta imagem encontra-se acompanhada por uma foto da caverna mencionada. Há uma foto da Fortaleza de Masada, que foi o último lugar de resistência dos judeus zelotas ao exército romano e que se localiza na região do Mar Morto em Israel. Esta foto é um argumento do assunto que está sendo tratado, e está alocada justamente na parte de descrição desses judeus. Há três pinturas que são apenas ilustrativas, e não são importantes para a construção do texto. Há também a imagem de dois mosaicos e do historiador Flavio Josefo. Há uma iluminura do Manuscrito de Rabanus Maurus, e uma outra do Pentateuco de Aegensburg, esta última tem ligação com o assunto do texto, porém não é fundamental a este. De maneira geral os créditos estão corretamente colocados, com exceção de duas imagens em que há a indicação de que são apenas reproduções.

### **“O Templo: uma casa de Tráfico?”**

Por Jeanne Chaillet, traduzido por Alexandre Massella (p. 62-69).

A biblista Jeanne Chaillet, diplomada em línguas semíticas antigas e estudiosa do pensamento judaico presente nos Evangelhos, utiliza-se de narração durante grande parte de seu artigo. Inicia pela descrição do Templo apresentando sua importância econômica, social e política.

Descreve o mercado que se encontra ao redor do Templo dizendo que tal é o local de comercialização de todos os artefatos utilizados durante os sacrifícios; relata o “prazer”<sup>52</sup> (sem se referir de onde retira essa caracterização) com que os

---

<sup>50</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.53.

<sup>51</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.55.

<sup>52</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.63.

habitantes de Jerusalém, judeus ou não, sobem ao átrio dos gentios e a busca de esmolas por parte dos mendigos e doentes.

Passa a realizar uma descrição física/material e ao mesmo tempo hierárquico-religiosa do Templo ao descrever os diferentes compartimentos do edifício associando-os às práticas efetuadas e às pessoas autorizadas a entrarem em cada um. Novamente, neste ponto, a autora deixa de lado a referência à fonte utilizada; encontra-se apenas uma menção a Flávio Josefo em uma caixa de texto inserida em uma figura que representa o Templo<sup>53</sup>.

Termina sua “visita”<sup>54</sup> ao Templo e inicia sua apreciação descritiva da figura que considera mais importante de Israel (religiosa e politicamente falando): o sumo-sacerdote. Caracteriza Israel como uma teocracia, tendo o sumo-sacerdote como dirigente e diz que este se eleva sobre as outras pessoas pelo fato de possuir “*santidade eterna*”<sup>55</sup>; tal personagem possui tanto poder que, às vezes, ultrapassa seus direitos ao permitir o comércio no Templo, retirando deste consideráveis rendimentos.

Esta informação é central na articulação efetuada pela autora, pois é aí que apresenta sua tese central: Jesus sela sua sentença de morte ao expulsar os comerciantes do Templo; no entanto, não faz referência nenhuma de onde retira tal informação. Deste modo podemos dizer que, mesmo havendo citações referenciadas da Bíblia no decorrer do artigo, não se percebe a utilização de método historiográfico na elaboração da argumentação.

Ao utilizar relatos bíblicos, embasando-se na linguagem e estrutura destes e tratando as passagens como verdade, a autora imerge no conceitual religioso judaico-cristão que possui como cerne o providencialismo. No entanto, ao expor sua tese, emerge deste conceitual de caráter sagrado/sobrenatural e imerge em outro de caráter terreno/material, pois a justificativa dada à sentença de morte de Jesus configura-se por seu caráter político e econômico.

Das figuras utilizadas pode-se depreender que algumas delas possuem apenas caráter acessório; este é o caso da foto de uma maquete da cidade de Jerusalém<sup>56</sup> e da primeira imagem apresentada no artigo juntamente com seu título<sup>57</sup>. Contudo existem figuras que elucidam a “fala” da autora, como é o caso dos

---

<sup>53</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.64 e 65.

<sup>54</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.66.

<sup>55</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.66.

<sup>56</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.68.

<sup>57</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.62 e 63.

desenhos que simulam o Templo<sup>58</sup>, da pintura que representa um sumo sacerdote<sup>59</sup> (que elucida, através de sua vestimenta, sua pompa e poder) e da figura que representa a cena da expulsão dos mercadores por Jesus<sup>60</sup>.

À exceção de um desenho, todas as imagens encontram-se com seus créditos, mesmo sendo estes, às vezes, vagos. Isto mostra a preocupação da publicação em se mostrar ao público como instrumento de divulgação científica.

É interessante ressaltar também a disposição das figuras nas páginas destinadas ao artigo. A primeira pintura, que ocupa um grande espaço e acima considerada acessória, possui uma posição de destaque, já a pintura representando a cena da expulsão, que ocupa um quarto de página, encontra-se no final do artigo ao passo que a autora apresenta a idéia que se relaciona com tal figura numa parte mais intermediária do texto. Essa aparente inversão da importância dada às figuras pode ser esclarecida ao se ver tais figuras: a primeira prende mais a atenção do leitor por suas cores e detalhes.

A presença de cronologia e glossário no artigo imprime um caráter didático à revista, ou pelo menos deveria imprimir, pois a eficácia destes pode ser questionada. Quanto à cronologia, pode-se dizer que é eficaz no que concerne às informações passadas, mas deixa a desejar quanto à sua localização no artigo; já em relação ao glossário o que se depreende é que deixa de citar e explicar palavras que não são de grande conhecimento como, por exemplo: siclos, abluções, dracmas.

Podemos então concluir que tal artigo não corresponde às expectativas de um leitor que, ao se basear nas palavras da editora-chefe da publicação, busca um trabalho científico. A inexistência de uma bibliografia, a falta de referência a uma figura e falta de precisão em outras, a desconexão entre os componentes do artigo (texto, figuras, glossário, cronologia) são fatores que dão base a tal idéia.

---

<sup>58</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.64, 65 e 67.

<sup>59</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.66.

<sup>60</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.69.



## **“As seguidoras do profeta”**

Por H el ene Cilli eres, traduzido por Alexandre Massella (p. 70-75).

A autora deste artigo, H el ene Cilli eres,   historiadora das religiões e atualmente doutora pela Escola Prática de Altos Estudos (Sorbonne)<sup>61</sup>. A proposta do artigo, que gira em torno de um novo olhar a respeito da condi o da mulher na época contemporânea a Jesus, encontra-se intrincada com o tema de suas pesquisas: o estatuto da mulher na sociedade judaico-cristã dos dois primeiros séculos. O fato de a autora ser uma historiadora já nos faz supor de antemão que método e conceitos da História são utilizados na elabora o do artigo. Vejamos.

Inicia afirmando que tal tema   controverso desde o final do século XIX, principalmente quando os objetos de análise são a literatura rabínica e a Bíblia. Notamos aqui a falta da apresenta o do debate historiográfico o que nos remete   questão: a omissão partiu de sua parte ou de incentivo por parte dos responsáveis pela publica o?

O texto do artigo estrutura-se da seguinte forma: apresenta o da problemática, seguida de sua tese e de sua argumenta o. A problemática, como já mencionado, recai sobre a discussão e respeito da condi o da mulher na época de Jesus; a tese passa a idéia de que a mulher possuía uma posi o de certa autonomia e de participa o na vida pública; e a argumenta o utilizada encontra-se embasada em exemplos retirados da Bíblia, exemplos estes que ocupam a maior parte da disserta o.

Algo not rio na exposi o de sua argumenta o   o modo intuitivo do qual se utiliza para atingir certos dados. Parte de uma afirma o que se encontra presente na Bíblia e sobre esta afirma o passa a elaborar conjecturas sem comprova o alguma (há de se fazer ressalva de que, se há comprova o, esta não   explicitada), o que não caracteriza este artigo como um trabalho científico.

Quanto   referência a fontes ou bibliografia, a autora faz men o a escritos de diferentes grupos judeus contemporâneos de Jesus e às fontes legisladoras judaicas rabínicas (como a Mishná e a Tosefta)<sup>62</sup>, mas durante o transcorrer do texto os exemplos e cita es utilizados são extraídos de uma única fonte: a Bíblia; o

---

61 Doutorado concedido em 2003, cf. disponível no site da EPHE: <<http://www.ephe.sorbonne.fr/>>. Acesso em 02 de junho de 2005.

62 HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, n  1, dezembro 2003. p.72.

que nos cria a dúvida quanto ao real conhecimento dessas primeiras por parte da autora.

No que tange às imagens utilizadas, a análise que foi realizada nos levou à seguinte reflexão: qual a possibilidade do uso de algumas imagens apenas como recurso de diagramação (no sentido de se utilizar as figuras, pelo menos algumas delas, como instrumento para ocupação de espaços)? Podemos chegar a esta questão observando algumas características pertinentes às figuras: a localização e a ordem na qual tais encontram-se no artigo não coincide com o trecho do texto ao qual se associa; existe também a repetição de uma imagem através da representação de um detalhe desta em outra página<sup>63</sup>; além do tamanho da maioria das imagens as quais ocupam meia, uma e até uma e meia página.

Uma última questão que pode ser levantada a respeito deste artigo gira em torno do tema deste. O tema refere-se à condição feminina e ao iniciar seu texto a autora nos relata a controvérsia que este tema causa entre os especialistas desde o final do século XIX. Isto nos serve como exemplo a duas afirmativas habituais entre os historiadores: a primeira refere-se à influência que o presente do historiador exerce sobre seu foco/objeto no passado, já que é no começo do século XX que o movimento feminista toma força na sociedade ocidental e que atualmente a questão da condição feminina está novamente em voga; e a segunda concerne ao raciocínio da História, já que a existência da controvérsia sobre o tema nos mostra que na História não existem verdades, mas sim procedimentos/formas de se trabalhar o passado resultando na presença de diferentes visões sobre o mesmo tema.

### **“Jerusalém festeja a Páscoa judaica”**

Por Richard Lebeau, traduzido por Alexandre Massela (p. 76-83).

O historiador Richard Lebeau, especialista em Egito e religiões do Oriente Médio Antigo, é o autor de uma *História dos Hebreus* (edições Taillander) e do guia cultural intitulado *Síria-Jordânia* (edições Arthaud) e colabora regularmente em diferentes revistas dentre as quais se apresenta a *Historia* (França) de onde foram traduzidos este artigo e um outro<sup>64</sup>, desta mesma edição de *Grandes Temas*.

---

<sup>63</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.72 e 74. Na pág. 72 encontra-se um detalhe de *A subida ao Calvário*, óleo sobre tela de Jacopo Bassano e na pág. 74 existe um detalhe maior da mesma pintura.

<sup>64</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.46-51

A proposta do artigo é descrever a cidade de Jerusalém durante as festividades da Páscoa judaica: o Pessach. Inicia relatando a importância de tal festa na vida dos judeus, o significativo papel que a cidade de Jerusalém possui durante tal festa pelo fato de ser o local de concentração de dezenas de milhares de peregrinos<sup>65</sup> e as condições enfrentadas por estes peregrinos durante os sete dias de festa.

Relata as condições “urbanísticas”<sup>66</sup> da cidade. Então passa a descrever as habitações da “cidade popular” e as da “classe média”<sup>67</sup>, o local dedicado ao comércio em volta da fortaleza Antônio, além do local onde vive a “alta sociedade civil e religiosa”. Passa então a uma descrição dos rituais realizados durante as festividades, fornecendo a significação de alguns deles; diz que a preparação de tais rituais é feita com antecedência de semanas. Termina o artigo expondo a significação de tal festa ao povo judeu.

A minuciosa descrição, em diferentes aspectos, da cidade de Jerusalém elaborada por Richard Lebeau, remete-nos a um ramo da História característico da corrente historiográfica dos Annalles, o que busca realizar uma história do cotidiano; contudo através do tempo verbal utilizado pelo autor em seu relato, podemos dizer que parece realizar uma prática comum entre os historiadores da escola metódica do século XIX. Portanto, sua posição no respeitante à corrente historiográfica não nos fica clara.

O autor não se utiliza de citações ou referências. Isso se configura em grave falta, do ponto de vista metodológico, ao se tratar de um texto descritivo, ou seja, um texto recheado de informações. Um especialista pode até reconhecer as fontes ou bibliografia utilizada por Lebeau, mas e quanto ao leigo? E se esse duvidar da veracidade das minúcias apresentadas?

A presença de uma ilustração representando a cidade de Jerusalém no século I<sup>68</sup> imprime um caráter didático importante. Ao menos deveria, pois se observa alguns desencontros entre o descrito pelo autor e o representado na figura. Eis dois exemplos: no texto temos: “... cidade popular, construída sem grandes cuidados urbanísticos. (...) As casas se encavalam...”<sup>69</sup> e “*As ruas tortuosas da cidade*

---

<sup>65</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.76.

<sup>66</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.79.

<sup>67</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.79.

<sup>68</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.80 e 81.

<sup>69</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.79.

*descem para o Templo...*”<sup>70</sup> enquanto que o desenho concebe uma organização entre as casas e ruas retas em direção ao Templo.

Outro desencontro entre texto e desenho (que, por sinal, é o mesmo acima mencionado)<sup>71</sup> refere-se à grafia do nome de um local da cidade de Jerusalém: a fortaleza Antônio. Tal desenho apresenta o local como fortaleza Antonia mesmo que o texto ofereça o nome desta da forma como grafada antes (acima). Não se pode excluir a possibilidade de que tal fortaleza possa ser chamada dos dois modos apresentados, contudo essa possibilidade deveria encontrar-se registrada, no intuito de não promover dúvidas ou conflitos.

Em relação às demais figuras pode-se dizer que estas apresentam uma característica em comum: seu caráter anódino. A representação de *A páscoa na Sagrada Família*<sup>72</sup> de Dante Gabriel Rossetti possui uma relação com o tema da revista, porém ao artigo específico não, já que não há referência a Jesus, nem à sua família, durante o transcorrer da descrição.

Enfim, a análise de tal artigo nos leva à conclusão de que seu autor, o historiador Richard Lebeau, mostra-se um grande exemplo da idéia transmitida por Langlois e Seignobos ao escreverem que *“Devemos ler os trabalhos dos historiadores com as mesmas precauções críticas de que nos cercamos quando lemos documentos”*<sup>73</sup>.

### **“Diante de seus juizes, o acusado se cala”**

Por Yann Le Bohec, traduzido por Celso Parcionik (p. 84-91).

Yann Le Bohec é professor de história romana da Universidade de Paris IV – Sorbonne e autor de *César, chef de guerre* (éd. Du Rocher, 2001), *L’Armée romaine du Haut-Empire* (Picard, 2002) e de *Historie militaire des guerres puniques* (ed. du Rocher, 2003).

Neste artigo, o autor procura analisar o processo de acusação de Jesus – levando em consideração o direito romano da época – e se ele teve um julgamento justo.

---

<sup>70</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.80.

<sup>71</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.80 e 81. A Jerusalém do século I, ilustração de Krika.

<sup>72</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.83.

<sup>73</sup> Ch. V. Langlois, Ch. Seignobos, *Introdução aos estudos históricos*. São Paulo: Ed. Renascença, 1946, p. 161.

Começa argumentando o fato que o processo romano constituía-se de três pessoas envolvidas: o acusador, o acusado e o juiz (os anciões representando a mora, Jesus e Pôncio Pilatos). O agravante no caso de Jesus era o fato de ele pertencer a uma categoria que não detinha o privilégio da cidadania romana, a categoria de peregrino, o que não o permite apelar da sentença.

De acordo com as leis romanas, é necessária a presença do acusado perante o juiz para que ele possa tomar conhecimento do julgamento e, em caso de necessidade, é requisitada o envio de soldados ou de uma milícia para forçá-lo a estar no tribunal ou, em caso de ausência do acusado, reconhecer a culpa e ser condenado. Conforme descrito na Bíblia, Jesus foi capturado pelos homens dos sumos sacerdotes para então ser levado ao oficial romano.

Como Pilatos era a principal autoridade romana na cidade, o processo judicial de Jesus foi classificado como “extraordinário” porque Pilatos era a pessoa que tanto julgava quanto sentenciava, diferentemente de Roma, no qual o processo era classificado como “formular” justamente por existir a presença de um magistrado que redigiria o processo (a fórmula) ouvindo as duas partes para depois encaminhar essas anotações a um corpo de juizes que fariam o julgamento.

Para que o processo de acusação de Jesus chegasse ao governador e, portanto, o único com o poder para sentenciar à morte, era necessário uma acusação grave de afronta ao império, no caso, o argumento que ele teria se declarado rei dos judeus. Como o acusado manteve-se em silêncio restou ao juiz condená-lo à morte. Como enfatiza o autor, Jesus, não dispondo de recursos para pagar um advogado que o defendesse, pertencendo à categoria de peregrino e mantendo-se mudo durante o processo, teve um processo justo conforme o direito romano.

Infelizmente o autor menciona apenas trechos da Bíblia e não menciona a fonte que utilizou para argumentar o seu texto e a matéria também não proporciona uma bibliografia sobre o direito romano.

A matéria é apresentada com material iconográfico de acordo com o tema abordado (a acusação de Jesus), tendo os nomes das obras descritos assim como os devidos créditos. Um pequeno glossário ao final é apresentado assim como um box, no meio do artigo, mencionando os tipos de castigos que poderiam ser impostos conforme a categoria social do acusado.

Para o público geral a matéria traz informações adicionais quanto à advocacia e o processo de julgamento e suas variantes, se caracterizando por dar uma conotação mais jurídica do que parcial ao julgamento de Jesus como a que é apresentada pela Bíblia mas, para um público que desejasse se informar mais a respeito, carece de informações básicas anteriormente mencionadas.

### **“As primeiras decorrências de sua morte”**

Por Jacques-Noël Pérès, traduzido por Celso Paciornik (p. 93-97).

Jacques-Noel-Peres, como já mencionado, é pastor da Igreja Luterana, professor de patrística (estudo dos pais da Igreja) na faculdade de Teologia Protestante de Paris.

Iniciando a matéria com a narração que os evangelhos fazem a respeito dos primeiros dias após a morte de Jesus, o autor procura mostrar as diferentes versões sobre a ressurreição de Cristo deixando bem claro que tal fato não fora presenciado por ninguém.

Ao morrer numa tarde de Sexta-feira, horas antes do *sabat*, o corpo de Jesus foi reclamado, segundo os evangelhos, por alguém chamado José de Arimatéia para que o morto não ficasse exposto durante esse período religioso. Mencionando o fato de o defunto receber os seguintes adornos fúnebres após o *sabat* e que, nessa época, era costume enterrar os mortos em grutas escavadas com essa finalidade, o teólogo Jacques-Noel-Pérès procura mostrar como os evangelhos trabalham de uma forma incoerente entre si, com a figura de José de Arimatéia, chegando à conclusão que não se pode fundamentar nada no que se refere a esse personagem pela falta de fontes a seu respeito.

Sobre os fatos que se seguiram na madrugada da ressurreição, o autor faz uma análise tanto dos cânones católicos quanto dos apócrifos levando o leitor a aceitar a sua argumentação que os textos a respeito desse episódio procuram dar uma visão particular e que divergem entre si.

Seguindo uma linha apoteótica, o texto começa com a tristeza que se seguiu à morte de Jesus, a falta de orientação por parte dos seus seguidores, a dúvida quanto à esperança e, por fim, o triunfo sobre a morte e o retorno da esperança e alegria. Como o próprio autor enfatiza, a ressurreição é uma questão de fé e que nenhuma prisão é definitiva: Jesus foi ao encontro dos seus seguidores, que se

encontravam trancados e com medo numa sala, assim como retornara do reino dos mortos.

Texto curto fechando a revista e a saga de Jesus, com iconografia referente ao assunto tratado devidamente creditada e de acordo com o tema. Glossário ao final abordando apenas duas localizações.

A matéria procura apresentar as diferentes versões sobre a ressurreição apenas baseada nos evangelhos, cabendo à pessoa que se interesse pelo assunto procurar por fontes que relacione algum fato estranho que tenha ocorrido no domingo de páscoa e, justamente por carecer de um relato mais fidedigno, ficando mais no campo da crença do que do empírico. Única matéria na revista cuja explicação fica embasada em conceitos abstratos (fé) explicados pelo teólogo sem nenhum embasamento arqueológico ou até mesmo documental a respeito de tal acontecimento, cabendo ao leitor simplesmente aceitar ou não o que está escrito na Bíblia. Além disso, fica faltando uma análise sobre Jesus do ponto de vista dos judeus, de acordo com fontes da época ou, seguindo o enfoque que a revista preferiu dar ao assunto, uma matéria escrita por um judeu sobre esse tema.

## CONCLUSÃO

A partir da análise individual dos artigos, percebemos que a revista não alcança o objetivo a que se propõe, qual seja o de promover a divulgação de material científico. De modo geral não há emprego de metodologia adequada à História (bibliografia, referências, busca por máxima imparcialidade, análise documental, etc.) e também existe um abuso de práticas das quais os historiadores buscam se distanciar (anacronismo, argumentação pautada sobretudo em descrição e/ou sobre um único documento). Se o patamar da cientificidade não é alcançado, a revista também não abarca o público leigo já que o linguajar utilizado, em muitos momentos, é inacessível a este público – muitas vezes empregam-se termos com o pressuposto de que estes sejam previamente conhecidos.

O problema metodológico relacionado à bibliografia utilizada em cada artigo é a sua não-exposição em separado; sua apreensão está sujeita, no limite, ao decorrer do texto, quando o autor se dispõe a oferecê-la. A mesma questão se coloca no concernente às referências, não há rigor na apresentação destas, pois faltam informações que caberiam, por exemplo, a uma nota de rodapé.

Nota-se estas faltas na seguinte passagem: “*Fecunda e pródiga,*’ escreve o historiador judeu do século I Flávio José (sic), ‘coberta de todo tipo de árvores, incita à cultura mesmo os menos laboriosos: assim ela é toda explorada; nenhum campo está abandonado. São muitos os burgos e as cidades, pois o alimento é abundante nessa região’<sup>74</sup>; a despeito de conhecermos quem é o autor, falta-nos a informação referente à obra na qual esta citação se aloca; situação ainda mais agravada pela inexistência da bibliografia utilizada.

Em alguns artigos ocorre o uso indiscriminado de juízos de valor. Mesmo que estes sejam, de certa forma, inerentes ao trabalho historiográfico, o historiador procura sempre minimizá-los, prática esta que não percebemos em alguns momentos na revista, sendo um exemplo disso o seguinte trecho: “*A arrogância dos romanos provoca problemas ocasionais com estes povos livres*”<sup>75</sup>.

No que tange ao aspecto documental não há, aparentemente, uma exaustiva e/ou devida exploração. Dá-se, por vezes, a utilização de uma única fonte sobre a qual embasa-se toda a argumentação, fugindo à premissa metodológica de confronto dos documentos. Voltando-nos à argumentação, mais precisamente à sua

---

<sup>74</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.23.

<sup>75</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.43.



composição, verificamos a excessiva utilização de método descritivo que nem sempre apresenta-se proporcionalmente aliado à análise.

Problemas quanto a anacronismo, mesmo que em menor medida, são também encontrados na utilização dos seguintes termos: identidade nacional<sup>76</sup>, Inglaterra<sup>77</sup>, entre outros.

A falta de rigor metodológico pode ser depreendida da presença, entre os autores, de muitos especialistas de áreas diversas que não a História. De quatorze artigos, apenas cinco são redigidos por historiadores (dos quais dois possuem o mesmo autor); os nove restantes são de autoria de biblistas, teólogos, jornalistas, mestres de conferências, etc. A partir desta constatação torna-se mais compreensível a não-utilização de conceitos estritamente historiográficos e o fato de Teorias de História serem praticamente inexistentes ou quase imperceptíveis.

Deslocando-nos dos aspectos textuais em direção a esferas mais amplas, deparamo-nos com a temática que, de certa forma, aborda assuntos em voga atualmente, tais quais os relativos à história da família ou mesmo da condição feminina na sociedade. Num certo sentido, este fato nos remete a avaliação de quanto o presente influencia o historiador em sua análise do passado, direcionando-o a determinados objetos/temas que se encontram patentes em sua vida contemporânea.

A publicação esforça-se em alocar os artigos segundo uma ordem cronológica da vida de Jesus, sem deixar de vislumbrar o contexto histórico a ele correspondente. Há, inclusive, a existência de um artigo<sup>78</sup> que talvez tenha por fim encadear todos os demais; apresenta-se estruturado em forma de perguntas e respostas (verdadeiro ou falso) vinculadas aos temas posteriormente tratados. Isto talvez se insira no bojo de um esforço didático da revista da qual também faz parte os Glossários (mesmo que estes não elucidem todas as questões), cronologias, quadros de destaque e a indicação de livros, apresentada ao final. Quanto a esta, não nos é possível perceber o quanto se vincula a bibliografia utilizada ao longo da revista, na medida em que é elaborada por Luther Maynard (editor) e Nicolas Farfel (editor-assistente), ambos pertencentes à redação da publicação brasileira. Tal seção possui mais um caráter de “saiba mais” do que de referências *stricto sensu*.

---

<sup>76</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.69.

<sup>77</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.44.

<sup>78</sup> HISTÓRIA VIVA – GRANDES TEMAS. São Paulo: Duetto Editorial, nº 1, dezembro 2003. p.8 e 9.

Centrando-nos nos aspectos visuais do trabalho, concluímos que boa parte da iconografia visa menos elucidar aspectos do texto<sup>79</sup> que chamar a atenção do público leitor ou mesmo ocupar espaço. Seguindo o padrão já determinado pela revista e mencionado por Miriam Ibañez, grande parte das iconografias é de autoria de pintores famosos que retrataram a época em questão. As fotografias utilizadas provêm de uma empresa especializada na venda de fotos para publicidade em geral<sup>80</sup>; quanto à aclimatação dos artigos, num sentido cromático, é interessante notar a intencionalidade pejorativa no que tange aos romanos: são as únicas duas vezes em que a cor preta é utilizada.

Também nos foi afirmado por Miriam que o trabalho iconográfico da edição brasileira independe da francesa; quanto a isto nos foi possível averiguar, por meio e consulta ao site desta publicação<sup>81</sup> que a edição brasileira utiliza-se de algumas poucas imagens as quais simplifica.

Segundo Ibañez no contrato firmado com a revista francesa estabelece-se a reprodução de um número mínimo de matérias daquela revista, o que não justifica a reprodução total presente na revista analisada sendo isso constatado por meio da dita consulta ao site francês.

A reprodução de artigos franceses requer um trabalho de tradução, o qual segundo Ibañez é realizado não por historiadores, mas por profissionais com formação em Letras “conhecedores” da história. A mesma afirmara ser o conteúdo da matéria, por vezes sujeito a cortes e, a despeito da mesma garantir que a idéia geral não seja prejudicada, isto nos faz questionar a qualidade de tal material.

Também nos foi possível averiguar um certo esforço da edição de não tratar o assunto de forma polêmica, certamente no intuito de abarcar um público amplo, já que não ofenderia a crença dos religiosos e da mesma forma não deixaria de contemplar as expectativas dos demais, depreendendo-se então, a importância da questão de mercado na confecção de tais publicações. Não devemos esquecer que este tipo de material visa mais retorno financeiro do que propriamente um comprometimento educacional-científico.

Neste âmbito, cabe a análise da proposta da edição pela busca do Jesus histórico. Ou seja, inserido numa história documentada, atestada também por

---

<sup>79</sup> Que seria, segundo Miriam, um dos critérios para a seleção das imagens.

<sup>80</sup> Após uma busca virtual foi encontrado o site de tal empresa. Trata-se de uma empresa brasileira especializada nesse tipo de trabalho. Disponível em: <[www.stockphotos.com.br](http://www.stockphotos.com.br)>. Acessado em: 09 de maio de 2005.

<sup>81</sup> Disponível em: <[www.historia.presse.fr](http://www.historia.presse.fr)>. Acessado em: 02 de junho de 2005.

escritos não-bíblicos, o que resulta em uma certa desmistificação de sua figura através da comprovação de sua existência. A temática da revista apresenta-se como “uma faca de dois gumes” visto que, ao mesmo tempo em que poderia negar a figura religiosa de Cristo ao retirá-lo de sua aura divina, fortalece o mesmo pois comprova a sua realidade e ao humanizá-lo torna-o mais próximo e crível.

Este tema religioso pode ser explicado pelo contexto em que se encontra inserido. Contexto este de reflexão e questionamento da fé católica. O catolicismo vem sendo abalado pelo fortalecimento de outras religiões e o aumento do ateísmo. O fortalecimento de tal temática religiosa pode ser averiguado pela enorme afluência de publicações em torno deste tema.

Os últimos elementos analisados são a capa e as propagandas da revista. Estas últimas restringem-se à própria Duetto Editorial; divulgam as demais revistas por ela então publicadas, mais precisamente a primeira linha dessas publicações (“História Viva”, “Scientific American”, “Ensino Superior” e “Bravo”). Quanto à capa percebemos a preocupação de apresentar, em poucos tópicos, todo o assunto presente na revista; um desses tópicos chamou, especialmente, a nossa atenção por possuir caráter apelativo ao sugerir a solução de “pontos obscuros”, despertando desta forma a curiosidade do leitor. A foto apresentada destoa, de certa forma, da proposta da revista ao passo que nos fornece uma imagem de Cristo mais ligada ao mito (uma das passagens mais marcantes de sua trajetória: o Calvário) do que ao homem. Quanto ao aspecto físico deste homem, existe uma maior aproximação do europeu (visão idealizada e mais tradicional) do que do asiático.

É importante ressaltar que as críticas tecidas foram, sobretudo, motivadas pela afirmação da editora-chefe de que tal material era de viés científico; afinal não podemos considerar, em vista das demais presentes no mercado, tal publicação ruim. A despeito de não alcançar um método historiográfico, há certa preocupação estrutural na revista, perceptível pela inclusão dos créditos das imagens (mesmo que não em todas), dos autores e também pelo esforço didático (mesmo que não eficaz).

Portanto concluímos que o material analisado pode ser situado em um nível intermediário: não atinge em sua plenitude um público acadêmico/científico, da mesma forma que não contempla um público mais leigo.

## REFERÊNCIAS

### **Bibliográficas**

BLOCH, Marc. *Apologia da historia ou o oficio do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

GARDINER, Patrick (Org.). *Teorias da História*. Lisboa: Gulbenkian, 1974.

LANGLOIS, Ch. V. ; SEIGNOBOS, Ch.. *Introdução aos estudos históricos*. Trad. Laerte de Almeida. São Paulo: Renascença, 1946.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Dir.). *História - Novos Problemas, Novos Objetos, Novas Abordagens*. Tradução de Theo Santiago et al. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, 3 vols.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Atica, 1989.

### **Documento eletrônico e Sites consultados**

EPHE. Disponível em: <<http://www.ephe.sorbonne.fr/>>. Acessado em 02 de junho de 2005.

HISTORIA. Disponível em: <<http://www.historia.presse.fr/>>. Acessado em: 02 de junho de 2005.

HISTÓRIA VIVA. Disponível em: <<http://www.historiaviva.com.br/>>. Acesso em: 25 maio de 2005.

IBAÑEZ, Miriam. *Resposta ao e-mail* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[leandro\\_usp@hotmail.com](mailto:leandro_usp@hotmail.com)> em 12 maio de 2005.

STOCK PHOTOS. Disponível em: <<http://www.stockphotos.com.br/>>. Acessado em: 09 de maio de 2005.

<<http://www.seix-barral.es/fichaautor.asp?autor=130>>. Acesso em: 02 de junho de 2005.

<[www.iptheologie.asso.fr](http://www.iptheologie.asso.fr/)>. Acesso em: 03 de junho de 2005.

<<http://www.estacaoliberalidade.com.br/autores/celso.htm>>. Acesso em: 10 de junho de 2005.

<[http://www.editionsducerf.fr/html/fiche/ficheauteur.asp?n\\_aut=1472](http://www.editionsducerf.fr/html/fiche/ficheauteur.asp?n_aut=1472)>. Acesso em: 10 de junho de 2005.

# **ECLÉTICA - 2005**

**Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP.**

## **A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL**

### **Créditos:**

#### **Universidade de São Paulo**

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

#### **Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas**

Diretor: Prof. Dr. Sedi Hirano

Vice-Diretor: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

#### **Departamento de História**

Chefe: Prof. Dr. Modesto Florenzano

Suplente: Profa. Dra. Maria Lígia Prado

#### **Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer**

Monitora PAE – Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro

Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.